

PROGRAD



XVII Mostra de Iniciação à Docência na Educação Básica

CADERNO DE RESUMOS



24 de outubro de 2019
Campus do Gragoatá

Niterói - RJ

Universidade Federal Fluminense
Pró-reitoria de Graduação
Coordenação de Apoio ao Ensino de Graduação
Divisão de Prática Discente
XVII Mostra de Iniciação à Docência na Educação Básica

Comissão organizadora

Jéssica Rodrigues do Nascimento – Presidente
 Beatriz Nunes Pimenta do Carmo
 David Francisco Arcenio
 Douglas Coelho Alves Ferreira
 Erika Gonçalves Ramos
 Jardel Schettino Caetano
 Leonardo Barroso da Silva

Organização do Cadernos de Resumos

Jéssica Rodrigues do Nascimento
 Jardel Schettino Caetano
 Beatriz Nunes Pimenta do Carmo
 Douglas Coelho Alves Ferreira

Banca avaliadora em Niterói

Alex Farah Pereira	Hamilton Faria Leckar	Maria Carla B. S. Martins
Allan de Carvalho Rodrigues	Helena de Souza Pereira	Marina Sequeiros Dias de Freitas
Ana Paula Mendes de Miranda	Italo Bruno Alves	Marta Nidia Varella Gomes Maia
André Luiz Gomes da Silva	Jean Carlos Miranda	Maura Ventura Chinelli
Ari da Silva Fonseca Filho	João Luiz Leocadio da Nova	Michelle Aidê M. e Silva
Bethania Mariani	José Antônio e Souza	Nancy de Souza Cardim
Camila Duarte de Souza	Joice Armani Galli	Renata Silva Bergo
Cezar Teixeira Honorato	Laura Antunes Maciel	Renee Volpato Viaro
Claudio Fernandes da Costa	Luciana de Freitas Almeida	Ricardo Bruno da Silveira
Del Carmen Daher	Lúcio Dias Braga	Rodrigo Torquato da Silva
Denise Brasil Alvarenga Aguiar	Maína Bertagna Rocha	Rose Mary C. R. Andrade Silva
Eduardo Quintana	Manuel Rolph De V. Cabeceiras	Shayane França Lopes
Elaine Alves Santos Melo	Marcela Tavares de Mello	Tania Maria C. de Azevedo
Elisabete Barbarino	Marcio Argollo F. de Menezes	Tatiane Militão de Sá
Elisabeth M. da Silva da Rocha	Marco Brandão	Vanessa Massoni da Rocha
Erika Souza Leme	Marcos Marques	Vitor Alevato do Amaral

Banca avaliadora em Volta Redonda

Robson Macedo Novais	Beatriz Crittelli Amado	Andréa Aparecida Ribeiro Alves
----------------------	-------------------------	--------------------------------

Banca avaliadora em Campos dos Goytacazes

Ricardo Bruno da Silva Ferreira	Márcia Regina da S. R. Carneiro	Ludmila Veiga Faria Franco
---------------------------------	---------------------------------	----------------------------

Banca avaliadora em Angra dos Reis

Aline Rosa da Silva	Diogo Marçal Cirqueira	Rodrigo Lima Ribeiro Gomes
Augusto César Gonçalves Lima	Eduardo Bezerra da Silva	
Cassius Rios Barreto Araújo	Renata Silva Bergo	

SALA 1
14h às 16h

Biblioteca: a palavra e a imagem na construção de sentidos

Autor(es):

Claudio Marcio Soares Galhano Filho
Jaqueline Silva dos Santos

Orientador(es) e coorientador(es):

Danuse Pereira Vieira
Márcia de Assis Ferreira

Diante de um mundo repleto de informações digitais, a biblioteca luta para permanecer viva, configurando-se como um espaço para construção de diálogos entre autor-leitor. O ato de ler promove a suspensão do espaço-tempo e possibilita acesso aos saberes. É um fator que contribui para qualificar e pluralizar experiências escolares. O projeto No plural da biblioteca, o singular da literatura busca compartilhar com os estudantes a leitura comentada de obras literárias e travar diálogos com produções do cinema. Atividade que dimensiona promover o diálogo entre tais manifestações estéticas e valorar a biblioteca como o espaço de problematização dos temas que os estudantes trazem a partir do viés literário. Tal movimento contempla os alunos do Ensino Fundamental I, II Ensino Médio na Biblioteca Monteiro Lobato/ Coluni-UFF. Como base teórica, utilizamos o conceito do que está em jogo na literatura hoje em dia segundo Petit (2008), o conceito dos diferentes gêneros discursivos com Marcuschi (2011), o projeto gráfico no livro infantojuvenil por Oliveira (2008), Cosson (2018) concernente à esfera do letramento literário. A partir do trabalho integrado, realiza-se o CINELIT semanalmente (atividade com literatura e cinema); promoveu-se (junho) a Semana de Clássicas (oficinas com temática greco-romana) e em outubro o Literuni (encontro dos alunos leitores com autores). Percebe-se que os estudantes vivenciam as práticas propostas e que o empréstimo de livros aumentou. O projeto trabalha para garantir o acesso às diversas manifestações da arte literária como bens incompressíveis para o ser humano (Candido, 1995).

SALA 1
14h às 16h

Ler, criar e jogar: Gamificando a Literatura

Autor(es):

Isadora Eccard Bersot
Monique Rohem Silva

Orientador(es) e coorientador(es):

Ilana da Silva Rebello Viegas
Nadja Pattresi de Souza e Silva
Rosane dos Santos Mauro Monnerat

Este trabalho é parte integrante do projeto desenvolvido pelas bolsistas do Programa de Iniciação à Docência — PID/UFF, na Sala de Leitura do Colégio Universitário Geraldo Reis — COLUNI/UFF. Esse espaço se compromete a estimular a leitura crítica dos educandos de Ensino Fundamental I, atuando no fomento da reflexão, da competência leitora e da fruição (FERES, 2011). Entendendo que é essencial, nas diversas fases da existência humana, o contato com a Literatura humanizadora (CANDIDO, 2004) e constituinte do que é inerente ao ser; e, devido ao caráter edificante dessa, que afeta, destrói e reconstrói, torna-se indispensável que se estreite o relacionamento entre discentes e Letras. Para tanto, utiliza-se o conceito de gamificação, que permite a inserção de elementos de jogos nos processos de aprendizagem (BUSARELLO; ULBRICHT; FADEL, 2014), de forma a tornar esse processo lúdico e prazeroso, estimulando, com isso, a criatividade e a competência fruitiva. Objetivando a construção de uma história coletiva com os integrantes dos anos finais do Fundamental I, imerge-se no conto O corvo, de Edgar Allan Poe, por meio de uma adaptação cinematográfica d'Os Simpsons. Devido ao interesse de trabalhar com elementos do gênero terror, manifestado pelas turmas, tais obras foram utilizadas para criar a ambientação de um jogo inspirado no RPG (Role Playing Game), em que os alunos tornam-se personagens, assumindo a função-autor (ORLANDI, 1999). Assim, criam uma narrativa com o intuito de solucionar desafios e concluir a missão principal, escolhida previamente; dessa forma, evidenciam-se os participantes da encenação narrativa propostos por Charaudeau (1999) — Autor-indivíduo/Autor-escritor e Leitor-real/Leitor-possível, no Nível Situacional e Comunicacional, que confluem, respectivamente, para Narrador e Leitor-destinatário, no Nível Discursivo. Apoiando-se no objeto de trabalho — a Literatura — e ancorando-se na gamificação, permite-se a ascensão do sujeito-leitor a, também, sujeito-autor (ORLANDI, 1999). O resultado dessa atividade está sendo registrado no blog da Sala de Leitura, de modo a compartilhar, de forma interativa, as criações dos alunos.

SALA 1
14h às 16h

Produção textual em foco: alternativas para o desenvolvimento da escrita na Escola Básica

Autor(es):
Thaís Costa

Orientador(es) e coorientador(es):
Thamara Castro

Este trabalho tem como finalidade apresentar estratégias para o desenvolvimento do trabalho com produção textual na Escola Básica. Segundo Antunes (2009, p. 104): "(...) parecem faltar novas situações de ensino. De ensino da necessária passagem do oral informal para o escrito formal, do impreciso para o preciso, do desordenado para o ordenado, do literal para o metafórico, da redação, enfim, para a escrita de textos significativamente presos a um propósito comunicativo específico". Portanto, na tentativa de preencher "essas faltas", apresentamos duas atividades desenvolvidas em turmas de sexto e de nono anos do Ensino Fundamental, ambas relacionadas ao conteúdo programático da instituição. Entretanto, de uma forma mais lúdica, tentamos despertar o interesse nos alunos para que eles pudessem produzir seus textos, considerando as características estruturais e funcionais do gênero solicitado. Assim, acreditamos que a habilidade de produção escrita pôde ser desenvolvida de uma forma menos artificial, fazendo o aluno refletir sobre os propósitos comunicativos de determinados textos.

SALA 1
14h às 16h

Transformação através do diálogo: rompendo pré-conceitos no ambiente escolar

Autor(es):
AILANA DE SOUSA BEZERRA

Co-autor:
Ana Carolina Nascimento Rangel
Thales da Silva Domingos

Orientador(es) e coorientador(es):
SONIA REGINA ALVES NOGUEIRA DE SÁ
NELSON BARRELO JR

O contato de licenciandos com o ambiente escolar é fator indispensável para que tenham oportunidade de desenvolverem habilidades de observação e análise e de aprimorarem práticas pedagógicas que dialoguem com o educando. Nesse processo também é preciso aprender a identificar e superar situações, intencionais ou não, que favorecem a disseminação de pré-conceitos sobre alunos e turmas e que culminam na reprodução de atitudes enraizadas no sistema educacional. Neste trabalho, os licenciandos de Física do grupo de pesquisa Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências (DIECI-UFF) socializam a experiência em que vivenciaram uma dessas situações durante a aplicação da Oficina Interativa "Cinemática: Apostando Corrida com Carrinhos de Balão". Esta oficina visa promover a apropriação de conhecimentos sobre Leis de Newton, é embasada na problematização freiriana (FREIRE, 1987), faz uso de materiais de baixo custo e se desenvolve através de experimentação investigativa, discussão e reflexão, dependendo fundamentalmente da interação entre os participantes. Foi realizada em agosto de 2019, em um colégio estadual do RJ, com três turmas da 1ª Série do Ensino Médio, que denominamos A, B e C (pela ordem de aplicação). Previamente essas turmas foram enfaticamente descritas, por docentes na sala de professores da escola, como: A - "turma participativa/esforçada, a maioria dos alunos veio de outras escolas"; B - "turma problemática, composta por alunos repetentes, maiores de idade, envolvidos com o tráfico e possui também uma menina trans"; e, C - "turma de excelência, com boas notas e bom comportamento, todos os alunos estudam no colégio desde o Ensino Fundamental II". Considerando que uma atividade problematizadora exige que o educador acredite na capacidade de transformação dos educandos para se inserirem criticamente na realidade através do diálogo, nos sentimos desafiados a aplicar a oficina nas três turmas ignorando os pré-conceitos ouvidos. Ao final de cada atividade constatamos que essa decisão foi fundamental para o aproveitamento dos alunos, pois a turma B (que de início deixou claro, com palavras, que acreditavam na descrição dos professores sobre eles) foi a mais participativa, construindo hipóteses mais elaboradas, alcançando as conclusões e construindo os conceitos planejados, inclusive, mais rápido do que os alunos das turmas C e A. Constatamos que o pré-conceito, de acreditar que alguns indivíduos estão mais preparados para receber o conhecimento do que outros, pode contribuir para a desigualdade de distribuição de recursos cognitivos (Delors, 1998), e como o diálogo é a melhor arma para vencê-lo.

SALA 2
14h às 16h

As crianças no Laboratório: encontros lúdicos da ciência com a literatura

Autor(es):
Dandara Pires Valle

Orientador(es) e coorientador(es):
Simone Rocha Salomão

Esse relato diz respeito a minha experiência como bolsista de docência do projeto “A práxis da produção de recursos didáticos para o ensino de Ciências e Biologia: Vivências no Laboratório de Ensino de Ciências da Faculdade de Educação da UFF”. Serão comentadas atividades referentes à participação como monitora no Projeto Jalequinho e no trabalho de organização do acervo de livros literários do Laboratório. O projeto Jalequinho consiste em visitas de turmas de Educação Infantil e dos Anos Iniciais ao Laboratório para realização de um circuito de atividades práticas. Objetiva proporcionar oportunidades para que as crianças construam conhecimentos relativos às Ciências Biológicas, trabalhando diversas metodologias e materiais diferenciados para essa faixa etária, buscando articulações entre ciência e cultura (LORENZETTI & DELIZOICOV, 2001). Nesse contexto, os livros literários constituem-se um valioso recurso. Diversos estudos como Lopes (2007), Salomão (2014) e Meireles et al. (2014) têm discutido o potencial dos textos literários para o trabalho com Ciências junto às crianças, expondo resultados muito positivos. Um dos circuitos do Jalequinho é o “Leilão de Jardim”, baseado em poema de Cecília Meireles, explorando os seres vivos citados no texto. Primeiramente, ocorre uma leitura com o intuito de instigar a curiosidade das crianças, observar os conhecimentos prévios e trabalhar a linguagem. As atividades apresentam materiais como: coleção de conchas, caixa entomológica, exemplares de girinos e rã adulta, maquete de jardim, maquete de formigueiro, amostras de flores, frutos e sementes, minhocário, maquete e jogo de camuflagem de insetos, lupas e microscópio. Através desses e com a mediação de monitores, discutem-se sobre biodiversidade e relações ecológicas. Os resultados das atividades mostram-se muito satisfatórios, evidenciando o interesse das crianças, a produção de linguagem nas interações com os monitores e a construção de significados para os conteúdos tratados. Outra experiência no Laboratório tem sido a organização de seu acervo de livros literários, visando análise e seleção de obras para serem usadas em atividades didáticas de Ciências. O trabalho está em desenvolvimento, indicando como resultados parciais a existência de várias histórias que tratam de animais, plantas e fenômenos da natureza e podem subsidiar práticas interessantes. Com base em Lopes (2009), observa-se que o processo de antropomorfização, comum em histórias infantis, é uma característica a ser observada na escolha do livro e controlada no planejamento da atividade. Essas análises serão ampliadas e tomadas como objeto de estudo de minha monografia de conclusão de curso a ser defendida no final do período.

SALA 2
14h às 16h

História da Ciência e Iniciação Científica nos Anos Iniciais: Uma viagem pelos caminhos de Darwin

Autor(es):
Stephanie Fernandes Valverde

Orientador(es) e coorientador(es):
Simone Rocha Salomão

Este relato visa apresentar minha experiência vivida como bolsista no âmbito do projeto “A práxis da produção de recursos didáticos para o ensino de Ciências e Biologia: Vivências no Laboratório de Ensino de Ciências da Faculdade de Educação da UFF”, focando na terceira etapa de uma sequência de atividades sobre Darwin e evolução biológica, realizadas com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I. A sequência de atividades foi dividida em três encontros com a turma: 1) Aula expositiva sobre o que é ciência e o trabalho dos cientistas; 2) Contação de história sobre a vida e a obra de Darwin; 3) Saída de campo. O terceiro encontro foi desenvolvido no contexto do projeto de extensão “Jalequinho”, onde alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental I visitam o Laboratório de Ensino de Ciências da FE/UFF. Nessas visitas os alunos percorrem um circuito de bancadas, onde são realizadas atividades práticas de caráter lúdico e que abordam temas de Ciências. A saída de campo consistiu em um percurso de bancadas com modelos e maquetes com o tema de evolução biológica e a escrita por parte dos alunos de suas observações nos “diários de viagem”, assim como Darwin, na história lida no segundo encontro. Diversos autores (SILVA & SALOMÃO, 2014; LINSINGEN, 2008) defendem a utilização de variados recursos metodológicos, como práticas experimentais, saídas de campo, jogos, livros literários e outras ferramentas lúdicas para auxiliar no ensino de ciências nos Anos Iniciais e potencializar a aprendizagem por parte dos alunos. Segundo Colinvoux (2004), a iniciação às ciências para crianças pequenas é possível quando as propostas de educação envolvem a experimentação e destacam as dimensões da experiência, da linguagem e do conhecimento prévio. Além disso, abordagens mais procedimentais e atitudinais, como a utilização de materiais lúdicos, incentiva a participação dos alunos e auxilia a produção de conhecimento. As atividades foram bem recebidas e promoveram a produção de conhecimento e significados sobre os naturalistas, sobre a vida de Darwin e sobre aspectos da evolução biológica por parte dos alunos, conforme foi possível observar na análise dos “diários de viagem”.

SALA 2
14h às 16h

O mito da pior turma: desconstrução a partir de uma oficina interativa de química

Autor(es):
Isabelle Ferraz Rodrigues e Silva

Co-autor:
Gabriel Garcia Batista

Orientador(es) e coorientador(es):
Sonia Regina Alves Nogueira de Sá
Fernanda Serpa Cardoso

Segundo Morin (2000), antes de acusar e condenar – como se nunca tivéssemos errado – é necessário compreender para, assim, promover a humanização das relações sociais. Nesse sentido, a prática docente não pode desconsiderar a individualidade dos alunos ou estigmatizá-los, pois não há verdadeira práxis que não seja um ensaio ético (FREIRE, 1996). Nessa perspectiva teórica, o grupo de pesquisa Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências (DIECI-UFF) vem formando licenciandos para atuarem em prol da dignidade humana, e elaborando atividades para a educação básica que promovam a valorização dos saberes e a formação cidadã. Entre elas, a oficina interativa "Experimentação investigativa sobre condutividade iônica e eletrólise da água" (NOGUEIRA et al., 2018), desenvolvida, em 2014, para introduzir os conceitos de ligações iônica e covalente. Em 2019, esta oficina, baseada nos trabalhos e no exemplo de superação de Michel Faraday, foi adaptada e aplicada em três turmas da 1ª Série do Ensino Médio de um colégio estadual em Niterói-RJ, das quais uma se destacou devido às críticas antecipadas feitas por professores da escola, acerca do desinteresse dos alunos "repetentes" e da "indisciplina" da "pior turma". A metodologia usada para evitar a incorporação dessas opiniões pelos licenciandos constou de discussão e reflexão sobre a questão nas reuniões da equipe do DIECI-UFF, concluindo-se que era preciso romper com aquele rótulo entrando em sala com a disposição de descobrir os alunos. Onze estudantes estavam presentes na realização da oficina. Inicialmente, alguns se mostraram agitados e inquietos, mas nada que afetasse o andamento da atividade, exigindo apenas uma postura mais firme dos licenciandos-educadores. Outros demonstraram timidez para interagir, demandando paciência, persistência, criatividade e flexibilidade para envolvê-los e estimulá-los adequadamente. Quando a barreira para a interação foi ultrapassada, a turma se mostrou mais participativa e interessada, demonstrando satisfação ao usufruir de seus conhecimentos prévios, para argumentar, e ao explicar os fenômenos observados na atividade. Além de não manifestarem o comportamento sobre o qual fomos previamente advertidos, ficou evidente que os alunos sabiam mais do que demonstravam e que a timidez/inquietude eram consequências da insegurança e da pouca autoconfiança, talvez frutos da própria crença no estereótipo a eles atribuído. Como resultado, consideramos que desenvolver a atividade sem nos permitir influenciar pelas impressões alheias e sem pensar que naquela turma "ninguém queria nada", foi fundamental para humanizar nossa atuação docente e proporcionar aos alunos um ambiente seguro e motivador para o aprendizado.

SALA 2
14h às 16h

Aprendendo estatística e robótica em prol da dignidade humana

Autor(es):
LUÍSA CARDOSO MENDES

Orientador(es) e coorientador(es):
SONIA REGINA ALVES NOGUEIRA DE SÁ
LHAYLLA DOS SANTOS CRISSAFF

Durante o ano de 2019, a participação no projeto "Ciência, Arte e Dignidade Humana: aprendendo ciências da natureza e matemática através de oficinas interativas" e a convivência no grupo de pesquisa "DIECI - Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências" me permitiram, por meio de leituras e reflexões de autores como Paulo Freire e Howard Gardner, aprimorar o planejamento de duas Oficinas Interativas e aplicá-las. Nesse processo, buscou-se reforçar o aspecto investigativo e problematizador das atividades, a fim de aguçar a curiosidade e melhorar o engajamento dos alunos durante a aplicação. A primeira Oficina, embasada no binômio ciência-dignidade humana com vistas à formação de sujeitos de direitos (CANDAU, 2012), promove o aprendizado de conhecimentos de Estatística, utilizando como tema os Direitos Humanos das mulheres no mercado de trabalho. Nela, a partir da problematização do papel da mulher na vida doméstica e profissional, por meio de material audiovisual, os alunos são instigados a criar hipóteses e levantar dados, através da aplicação de um questionário nas regiões onde residem. Utilizando cálculos estatísticos, os estudantes são estimulados a avaliar os resultados de sua pesquisa sempre levando em consideração as condições das mulheres no mercado de trabalho e, a partir das reflexões, a reelaborarem suas concepções originais sobre o tema. Com esses resultados, os alunos constroem gráficos e os comparam com aqueles de pesquisas feitas por órgãos oficiais. Essa atividade, planejada para 3 aulas de 100 minutos, foi aplicada, entre os meses de maio e julho, em três turmas da 3ª série do Ensino Médio em um Colégio Estadual e no COLUNI – UFF. A segunda Oficina Interativa utiliza o material LEGO MINDSTORM como ferramenta para ensinar conceitos fundamentais de robótica para alunos da escola básica, propondo como desafio a montagem pelos alunos de um robô que se locomove nas quatro direções, desconstruindo a ideia do senso comum sobre o que é um robô e discutindo seu papel no modo de vida moderno. A aplicação, com 2 horas de duração, aconteceu no III Congresso Científico Tecnológico para o Ensino Médio (III COCTEM), realizado em agosto de 2019. As experiências com ambas as oficinas demonstraram o engajamento dos alunos quando são questionados e instigados, através do diálogo, em práticas investigativas e problematizadoras, que contribuem tanto para a aprendizagem dos conceitos específicos, quanto para a reflexão acerca de problemas sociais, constituindo-se em atividades que promovem o ensino de ciências em prol da dignidade humana

SALA 3
14h às 16h

Docência na Educação Infantil: em foco os bebês e as crianças bem pequenas

Autor(es):
Ana Cristina M. M. Vieira

Orientador(es) e coorientador(es):
Nazareth Salutto

o trabalho tem por objetivo apresentar aspectos de projeto que vem sendo desenvolvido ao longo do ano de 2019, articulando o tripé ensino-extensão-pesquisa. A partir da imersão – observação participante, registros e devoluções junto à equipe – em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), na cidade de Niterói, temos abordado aspectos da docência com bebês e crianças bem pequenas. Tomando a prática cotidiana em um GREI 2, discute-se desafios da organização cotidiana que envolve mapear-reconhecer singularidades das manifestações dos bebês e das crianças pequenas (linguagem, movimentos, formas de expressão, inserção e participação na cultura), com o intuito de articular práticas coerentes e condizentes com o referencial teórico-metodológico, seja dos estudos e das pesquisas, seja das políticas sobre o trabalho com essa faixa etária vigentes em nosso país. A partir da imersão, algumas indagações têm sido construídas, uma delas, orienta a proposta dessa organização: bebês e crianças pequenas devem ser submetidos às mesmas práticas e rotinas de crianças mais velhas no interior das instituições coletivas de educação?

SALA 3
14h às 16h

Escrevivendo a liberdade: formando professoras para atuar no sistema socioeducativo

Autor(es):

Beatriz Batistela Silva Rodrigues
Raissa Moraes de Aguiar

Orientador(es) e coorientador(es):

Sandra Maciel Maciel de Almeida
Vanusa Maria de Melo

Esse trabalho tem como objetivo discutir aspectos da formação inicial docente relativas ao trabalho das bolsistas que atuam no projeto Oficina de escrita criativa: formando professores para atuar no sistema socioeducativo, coordenado pela professora Sandra Maciel. O projeto tem como objetivo promover atividades de iniciação à docência para licenciandas atuarem com adolescentes privadas de liberdade, respeitando suas trajetórias. Um ambiente de privação se constitui como um locus de disputas, por isso, a complexidade do exercício da docência neste contexto demanda uma formação consistente. Enquanto licenciandas, é importante um desenvolvimento pessoal enquanto leitora e escritora: um professor que trabalhe nesse campo precisa ter ele mesmo intimidade com o tema. Conforme supracitado, um trabalho docente qualificado em um espaço de privação de liberdade, com foco na leitura e na escrita, requer uma formação prévia e continuada. Assim se deu este trabalho: antes mesmo de estar na instituição, foram realizadas semanalmente oficinas de escrita criativa ministradas pela professora Vanusa Maria de Melo. Vivenciar pouco a pouco um estágio nesse ambiente pode ser de grande aprendizado para compreender o cotidiano desses espaços no próprio no chão da instituição. Fala-se em formação prévia e continuada: mesmo depois de encerrado o semestre e da entrada na instituição e trabalhando junto às adolescentes, continuamos a nos encontrar quinzenalmente para um “aprofundamento” do trabalho, um espaço em que continuamos nós mesmas a exercitar a escrita criativa potente em cada uma de nós. Do ponto de vista teórico, o projeto baseia-se no conceito de “Escrevivências” da autora Conceição Evaristo, isto é, da escrita que possibilita a criação de autoria, de identidade e de uma voz potente. Quando se está junto às classes populares e às pessoas que a sociedade tende a colocar à margem (como são os adolescentes em conflito com a lei), trabalhar a partir dessa perspectiva pode significar um terreno fértil no caminho para uma educação emancipatória. Soma-se ao aporte teórico a compreensão, pelas bolsistas, do perfil das adolescentes, por meio da leitura das pesquisas Trajetória de Vida de Jovens em Situação de Privação de Liberdade no Sistema Socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro, coordenada por Elionaldo Julião e Claudia Lucia Fernandes Silva e a pesquisa Educação de Mulheres e Jovens Privadas de Liberdade: vulnerabilidade socioeducacional e contingências da privação, desenvolvida pela professora Sandra Maciel de Almeida.

SALA 3
14h às 16h

Escrevivendo a liberdade: a leitura e a escrita como ato político no sistema socioeducativo

Autor(es):

Jéssica Montuano Gonçalves Ramos Mattos
Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos

Orientador(es) e coorientador(es):

Sandra Maciel Maciel de Almeida
Vanusa Maria de Melo

A Oficina de escrita criativa: formando professores para atuar no sistema socioeducativo, idealizado pela professora Vanusa Maria de Melo e coordenado por Sandra Maciel e Vanusa de Melo desenvolve, a partir do conceito de escrevivência (EVARISTO, 2017), encontros semanais com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. A partir de Evaristo, iniciamos um trabalho de leitura e escrita criativa, reconhecendo a relevância da valorização das realidades e vivências de cada uma das envolvidas. Nesse sentido, nossa prática também se mostra associada às funções da literatura e sua importância como um direito humano (CANDIDO, 1995), por isso, todos os encontros são norteados por leitura que incentiva diversas fabulações (orais e escritas). O espaço e interlocutoras também reafirmam o pensamento de literatura como direito, uma vez que trabalhamos em contexto de privação, com corpos que passam diariamente por diversas outras privações além da possibilidade de ir e vir, para proporcionar o acesso a diferentes formas de escrita e da compreensão de si no mundo. Ao dialogar com as adolescentes, temos como objetivo mostrar a escrita como recurso subjetivo que pode, inclusive, atuar como extensão de seu próprio corpo, possibilitar que se aproximem de si mesmas com sua própria escrita, criando espaços de resistência, potência e autoconhecimento. Assim, além dos benefícios intangíveis, o projeto potencializa o processo de letramento – “imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito” (SOARES, 2003) – para adolescentes que, recorrentemente, dizem não saber ler e escrever. Desse modo, como licenciandas, ao mesmo tempo em que trabalhamos com as adolescentes sua própria escrita, também estamos trabalhando a escrita de nós mesmas, tanto em vias de aprofundar nosso conhecimento a respeito da prática docente e formas de reconstruir saberes diante os pensamentos de fracasso - escolar e social - enraizados na vivência das adolescentes, proporcionando para envolvidas no projeto um processo de construção de novos sentidos e de novas experiências. Ao longo de dois meses de encontros, é perceptível o engajamento das adolescentes em relação ao processo, pois conseguimos, aproximar-nos mais de cada uma e incentivar um eu-leitora-escritora em cada uma delas, enquanto desenvolvemos essa leitora-escritora presente em nós. A motivação entre as participantes do grupo cria um ambiente em que dúvidas e desconhecimento não são vistos de forma negativa, pois todas entendem esses elementos como naturais do processo.

SALA 4
14h às 16h

Silenciamento das questões sociais na escola e o grito das violências

Autor(es):
Gabriela Carvalho Pereira

Orientador(es) e coorientador(es):
Rejany dos Santos Dominick
Yasmine Martins Pereira Patrocínio da Silva

Buscamos analisar as experiências vividas na E. M. Ernesto Che Guevara, no município de Mesquita, bairro da Chatuba, que fica em uma comunidade tomada por diferentes formas de violência. Investigamos as percepções das manifestações de violência pelas crianças e observamos como tal questão social está sendo tratada no contexto da educação formal. Trabalhamos com discentes do 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 14 anos, com a professora Yasmine Martins Pereira Patrocínio da Silva. Dialogando com a proposta do projeto “Tecnologias nos anos iniciais da educação básica e na formação do Pedagogo”, foram nossos focos: como o uso da tecnologia permite o grito das violências; e como a falta de artefatos tecnológicos e de estudo sobre seu uso consciente torna-se uma violência. Há autoritarismo? Há respeito entre os docentes e discentes? Há imposições excessivas? Há abuso de poder? Há violência velada? Tendo como base a pesquisa-ação e participante (BRANDÃO, 1987, 1990, 2003 e THIOLENT, 1994 e 1997), buscamos propiciar reflexões sobre as maneiras como as tecnologias se inserem na educação. Dialogando com o conceito de tecnologia social (ITS, 2004) buscamos proporcionar um ambiente afetivo onde discentes e docentes pudessem se sentir confortáveis para abordar as questões de violência, rompendo os silêncios por meio de diálogos crítico-reflexivo, a partir de rodas de conversa (WARSCHAUER, 2001). Foram discutidas como se manifestam no cotidiano dos estudantes as diferentes formas de violência: as violências familiares, de gênero, classe econômica e, nas relações de poder dentro do contexto escolar, principalmente, de sala de aula. Dialogamos sobre a violência velada no currículo escolar (FOUCAULT, 1978) e sobre o currículo oculto (SILVA, 2010). A escola que não aborda as violências contribui para perpetuá-las? Esta é um espaço contraditório que tanto reproduz desigualdades sociais (BOURDIEU, 1970) quanto possibilita a emancipação humana (FREIRE, 1997). A partir do nosso trabalho, contextos violentos normalizados e naturalizados começaram a ficar visíveis, como o de pouco uso das tecnologias educacionais disponíveis na escola: uma forma de violência simbólica que contribui para perpetuar exclusões e dominações. Nos apoiando no uso de notícias de jornais e leis, nos aprofundamos no significado teórico e nas experiências individuais de cada sujeito diante de processos violentos, para que, entendêssemos a subjetividade criada a partir de fenômenos coletivos. Dessa forma, construímos um livro, possibilitando que os estudantes pudessem reescrever e tomar a autoria de suas próprias histórias, visando a conscientização deles por eles.

SALA 4
14h às 16h

Filosofia e Cultura Pop: violência e respeito a diversidade

Autor(es):
Milene Bernardes Corrêa

Orientador(es) e coorientador(es):
Rejany dos Santos Dominick
Juliana da Silva Gama

O projeto A Mulher na Filosofia e na Cultura Pop: uma reflexão sobre a violência e respeito a diversidade foi pensado em articulação com a extensão e com o projeto de mestrado profissional da professora de Filosofia Juliana Gama no Colégio Estadual Nilo Peçanha, com 69 alunos divididos em duas turmas da 3a. série do Ensino Médio. Baseando-nos nos princípios da pesquisa-ação (FAGUNDES, 2016); da abordagem de projetos (HERNANDEZ e VENTURA, 1988) e nos conceitos filosóficos de racismo epistêmico (NOGUEIRA, 2012); construção social dos gêneros (BEAUVOIR, 2009); interseccionalidade (DAVIS, 2016) e cultura pop (SOARES, 2014), buscamos diálogo com os temas: saúde mental, política e cultura, a partir do currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro. Ressaltamos a importância do diálogo entre a universidade e a escola através de projetos de formação inicial e continuada e a presença da discussão de gênero no ambiente escolar para a superação de conflitos sociais.

SALA 4
14h às 16h

Esporte da Escola no Coluni: problematizando a competição

Autor(es):

Thalita Rangel Neves

Renée de Siqueira Machado Faria

Orientador(es) e coorientador(es):

Poliane Gaspar de Cerqueira

Luciana Santos Collier

Thiago Braga Rezende Lins da Silva

Leonardo São Paio D' Amato

O projeto tem por objetivo problematizar as questões relacionadas à competição. Criar um espaço em que os educandos possam vivenciar o processo de formação de uma equipe com objetivo de participar dos Jogos Escolares de Niterói (JEN). Partimos de um referencial teórico crítico para nortear a prática da Educação Física. Segundo Betti (1999), a Educação Física tem como principal ferramenta o movimento humano, e é a partir dele que vai ser elaborado um meio e um fim com uma intencionalidade pedagógica, alcançando um objetivo educacional. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, que consiste em planejar uma melhora da prática, agir para implementar a melhora, monitorar e descrever os efeitos da ação e avaliar os efeitos da ação, novamente planejar e seguir neste ciclo (Tripp, 2005, p. 446). No processo de desenvolvimento do projeto os educandos tiveram possibilidade de votar nas modalidades de preferência. As escolhidas foram: o vôlei, futebol, basquete e handebol. O projeto é uma atividade extracurricular. E os educandos envolvidos não tem a competição como um foco principal, mas sim a socialização com seus colegas, o trabalho em equipe e a simples vontade de vivenciar uma prática corporal do seu agrado. Pois, para que o treino seja interessante é necessário que se crie um corpo unido e que respeite as diferenças. Um dos fatores que diminui a competição e aumentou o espírito de equipe e a cooperação, foi o fato de não ter mínimo nem máximo de idades entre os alunos, fazendo com que adolescentes de 16 anos compartilhem o espaço e as atividades com crianças de 10 anos. Após a realização dos jogos amistosos e da participação dos times no JEN foram relatadas questões sobre a competição que criaram diálogos interessantes. Pois diferente do que acontece nos treinos a competição trouxe questões sobre: o nervosismo, agressividade, ansiedade, trabalho em equipe, diversão, pressão, emoção, rivalidade, adrenalina, confraternização com outra escola. Em resumo: “me diverti bastante, me estressei, gritei, quase chorei, mas foi maravilhoso”. E a dialogicidade de Paulo Freire nos aponta para a necessidade do diálogo ação e reflexão. “É na palavra pronunciada, que revela o mundo, que os ‘homxns’ se constroem ao fazerem o próprio mundo” (apud ZITKOSKI, 2006, p. 20).

SALA 5
14h às 16h

Ensino de língua francesa e francofonia na oficina do COLUNI-UFF: onde mais se fala francês?

Autor(es):

Consuelo Gouvêa de Faria
Elisa Karoline Reiche Velloso

Orientador(es) e coorientador(es):

Camilla dos Santos Ferreira

O projeto “Oficina de francês: formação docente e ensino de línguas nos anos iniciais do ensino fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis” propõe o ensino da língua francesa (LF) por meio da descoberta da cultura de alguns países francófonos, países que possuem a língua francesa como língua oficial ou co-oficial, por bolsistas e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As oficinas tiveram início em junho de 2019, entretanto, para que os bolsistas estivessem melhor preparados para as atividades com os estudantes, desde abril do mesmo ano foram, e vêm sendo, realizadas reuniões, planejamentos de aula, conhecimento de campo e leituras teóricas, com enfoque no ensino para anos iniciais do Ensino Fundamental (ROCHA, 2007) e no conceito de francofonia (CALVET, 2007). As oficinas realizadas com alunos do 2º e 3º anos começaram com a confecção, pelos estudantes, de desenhos como resposta à pergunta “O que é francês?”, seguida da montagem de um quebra-cabeça com alguns países francófonos destacados. Pôde-se, então, observar a percepção dos alunos sobre a LF e sua cultura, o que gerou a discussão, que se estende até o momento, sobre o fato de que o francês não é uma língua falada unicamente na França ou no continente europeu. Como resultados parciais, pode-se observar que os alunos, para além do interesse em aprender francês como língua adicional, têm, cada vez mais, adquirido familiaridade com a história e a cultura de alguns países francófonos e com os múltiplos falantes de LF. As bolsistas, do mesmo modo, estão em constante aprendizado com os estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental e com a experiência pedagógica que lhes foi oferecida.

SALA 5
14h às 16h

Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras– PULE/UFF: uma política para internacionalização e formação de professores de línguas adicionais

Autor(es):
Gisele Freitas da Silva

Orientador(es) e coorientador(es):
Telma Cristina de Almeida Silva Pereira
Mônica Maria Guimarães Savedra

O projeto tem por objetivo estender as ações desenvolvidas pelo Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras (PULE) ao Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI), com aulas de alemão e de francês, ministrados por licenciandos, sob a supervisão de professores do Instituto de Letras e da Faculdade de Educação. Como pressupostos teóricos-metodológicos destacamos os estudos sobre política linguística educativa e formação de professores de línguas adicionais. A relevância do projeto se apresenta diante da incipiente oferta dessas línguas nas escolas públicas do estado e de sua exclusão nos documentos que legislam sobre a oferta de línguas no país. Como resultados ressaltamos o aprimoramento da formação inicial dos licenciados em Letras (alemão e francês) em contexto de ensino público e uma maior oferta de ensino de idiomas aos estudantes do COLUNI, no âmbito de uma política de educação multilíngue. Os cursos tiveram início em abril de 2019.

SALA 5
14h às 16h

Práticas de reexistências na educação linguística em espanhol

Autor(es):

Raphaella Gomes Garcia
Samantha Hoehr Appel Patricio

Orientador(es) e coorientador(es):

Dayala Vargens
Carina Duarte Salgado
Valdiney da Costa Lobo

Esse projeto é desenvolvido nas aulas de língua espanhola da turma de 3º ano do ensino médio do COLUNI-UFF (Colégio Universitário Geraldo Reis - Universidade Federal Fluminense). Propõe-se a construção de práticas de letramento de leitura, de oralidade e de escrita (TILIO, 2017) para a produção de atividades desenvolvidas sob o viés da educação de reexistência (LOBO, 2018). Na construção de uma proposta de educação de reexistência, as atividades devem contribuir para visibilizar as lutas dos povos colonizados (MOITA LOPES, 2013) a fim de apontar para a construção de novas práticas de enfrentamento a discursos que fomentam o preconceito racial, de gênero, de classe social, econômico, entre outros. Tal proposta sinaliza para uma possibilidade de renarrar a vida social (MOITA LOPES, 2006). Será privilegiado como eixo temático a discussão sobre a presença indígena na América Latina, contemplando as vozes de diferentes grupos sociais sobre o lugar do índio na sociedade contemporânea.

SALA 6
14h às 16h

As tecnologias no ambiente escolar: construindo saberes na formação dodiscente

Autor(es):
Leonardo Querzé Maia

Orientador(es) e coorientador(es):
Walcéa Barreto Alves
Viviane da Silva Pinheiro

O presente texto aborda ações desenvolvidas na educação básica junto ao “Núcleo de Estudos Contemporâneos em Educação, Etnografia e Representações Sociais” (NECEERS/UFF) que, mediante a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978) e a abordagem etnográfica (MATTOS, 2001) busca compreender as significações sobre a tecnologia e sua importância para os sujeitos que compõem o ambiente escolar. O projeto se desenvolve numa escola municipal de Niterói, com uma turma do 6o ano do Ensino Fundamental. Mediante levantamento que vem sendo realizado, na perspectiva do professor-pesquisador, estamos no processo de estruturação e desenvolvimento de ações pedagógicas interdisciplinares ligadas a elementos apontados pelos educandos, no sentido de gerar estímulos para o aprendizado mediado pelas novas tecnologias. Nosso referencial aponta para a autonomia dos estudantes, de modo que os mesmos sejam criadores de projetos. Agimos com base na dialogicidade, identificando que, no tripé educador-educando-objeto do conhecimento, o pressuposto principal é o diálogo enquanto “uma exigência existencial. (...) o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado (...)” (FREIRE, 2016, p.135). Diante disso, buscamos conhecer os saberes que os mobilizavam e o que queriam desenvolver enquanto aprendentes. Em colaboração com os docentes e com base nos Referenciais Curriculares do Município de Niterói, dialogamos a proposta das atividades com conteúdos disciplinares. A partir dos estudos sobre o trabalho de Paulo Freire com temas geradores, identificamos diversas ideias e proposições dos educandos, emergindo o projeto de criação de um robô. Atualmente, estamos na fase de construção do mesmo, dialogando com conteúdos das disciplinas de Matemática e Educação Física. Os temas geradores surgiram, de fato, como uma compreensão da realidade da turma a fim de problematizar e mediar a construção do pensamento, entendendo as relações imbricadas na aprendizagem. Os resultados parciais apontam que, quando dialogamos com a realidade dos estudantes, é possível potencializar a motivação, a interação, o trabalho colaborativo, a dinamização significativa dos assuntos abordados pelo currículo escolar; compreender e enriquecer a relação professor-aluno, a partir do interesse genuíno no que os alunos querem criar. Proporcionar a autonomia ao estudante num currículo tradicional potencializa ações emancipadoras, pois revela a relevância e efetividade dos saberes discentes no processo educacional. O trabalho desenvolvido apresenta avanços no processo formativo docente partindo de uma perspectiva de ampla interação com os estudantes da educação básica, configurando-se como uma formação dodiscente, baseada na dialogicidade e no aprendizado mútuo.

SALA 6
14h às 16h

Pensando a prática pedagógica: reflexões sobre diversidade no ambiente escolar

Autor(es):

Agatha Pinheiro de Barros

Jocelis Amaral Gabriel

Millena Ellen Nascimento da Silva Oliveira

Orientador(es) e coorientador(es):

Edna Regina da Silva Aguiar Arruda

Monica dos Santos Toledo

Lorelay Brandão Façanha

Este trabalho apresenta relatos de experiências vivenciadas por três bolsistas, nos anos finais do Ensino Fundamental I do Coluni/UFF. Diante deste contexto foram abordadas as temáticas de exclusão/ inclusão curricular e social, ambos observados ao longo do projeto. Na turma 301 por diversas vezes pôde ser observado brigas e desavenças entre os colegas de classe, dificuldade de conviver e respeitar os pares e dificuldade em realizar tarefas em grupo, gerando a exclusão da participação efetiva da turma. Na turma do 4º ano o exercício do olhar sensível, crítico e observador foi a base para o planejamento da prática docente. As questões observadas giraram em torno do baixo interesse em escrita, da dificuldade em finalizar atividades em grupo, e do distanciamento em atividades que requerem maior atenção. Através da interação afetiva entre professor e aluno, buscou-se a melhora no desempenho escolar e social. A turma 501, de maneira geral, pode-se observar compreensão e inclusão entre as crianças. No entanto, se tratando de uma turma heterogênea, há conflitos e casos de incompatibilidade de pensamentos. Falando sobre a questão da diversidade, em alguns casos podem-se observar momentos de preconceitos e até mesmo pequenas discussões, que foram prontamente mediadas pelas professoras.

Segundo FREIRE (1987) "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizada pelo mundo", ou seja, a educação problematizadora e como prática de liberdade exige de seus personagens uma nova concepção de comportamento. Ambos são educadores e educandos, aprendendo e ensinando em conjunto, mediatizados pelo mundo. Dito isto, as bolsistas tem atuado em colaboração com as professoras regentes das turmas, observando e intervindo em situações de conflitos por meio do diálogo e práticas pedagógicas, de modo a considerar a diversidade, dificuldades individuais e os diferentes tipos e visão de mundo. As bolsistas têm contribuído com o desenvolvimento dos projetos realizados, sendo estes visto como complexo e dinâmico, pois ao propor uma abordagem baseada nas contribuições da Pedagogia de Projetos de Fernando Hernández (2007), a escola incentiva uma visão interdisciplinar do conhecimento, aprendido por meio da experiência e desenvolvimento da autonomia dos alunos, a participação dos alunos é ativa, uma vez que o objetivo está na criação de condições para a construção o conhecimento, e não na transferência dele.

SALA 6
14h às 16h

O brincar e a brincadeira na Educação Infantil da UFF: Reflexões sobre práticas cotidianas

Autor(es):

Julia Cristina Teixeira dos Santos
Priscilla Amaral Lanzillotti Barreto

Orientador(es) e coorientador(es):

Flávia Ferreira Castilho
Simone Berle

Fruto do projeto de pesquisa “Educação Infantil da UFF: Reflexões sobre o brincar e a brincadeira como processos educativos” vinculado ao programa Licenciaturas da Universidade Federal Fluminense, esse estudo problematiza a frágil percepção do brincar na educação infantil como tempo de “não fazer nada”. Diante disso, perguntamos: o que sabemos e o que podemos saber sobre essa complexa relação? Como o brincar e a brincadeira podem contribuir com a formação de professores? Huizinga (2005) traz a reflexão que o ser humano só é faber e é sapiens porque é ludens, pois é a partir da capacidade de jogar com os sentidos do viver que pode criar e ampliar o seu repertório para além daquele com que nasce. Diz ainda que o ser humano é único ser vivo capaz de jogar com linguagem e por isso é capaz de aprender outros modos de viver. Assim, abordar o brincar e a brincadeira como manifestação lúdica fundante das relações humanas no e com o mundo torna-se relevante contribuição para reflexões das aprendizagens na Educação Infantil e para a formação de professores. Dialogando com a formação dos estudantes a partir das Diretrizes Institucionais para as Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil (ANNUFEI, 2003), que prevê a caracterização destes espaços não somente para educação de crianças, mas também em sua vertente acadêmica que investe na formação profissional gerando e compartilhando conhecimentos, fomentamos o espaço de estudo entre professoras, estudantes e crianças. Nesse sentido, ao longo do semestre desencadeamos a partir dos registros elaborados nos cadernos de campo, das narrativas orais e escritas dos estudantes e professoras, conversas e discussões sobre diferentes concepções que permeiam os fazeres na educação infantil tais como: infância, criança, educação e aprendizagem, para problematizar o entorno das ações com as crianças pequenas. Partindo do pressuposto de que experiência é o que me passa não o que se passa (Larrosa, 1996) aprender torna-se, também, uma ação coletiva que passa pela experiência de estar junto que, na convivência entre alteridades – adultos e crianças e seus pares -, compõem uma relação não hierárquica ou linear de aprendizagem, mas uma complexa relação educativa no encontro entre gerações. Compomos coletivamente um importante material que nos permitiu fomentar não só o diálogo sobre as indagações que o brincar e a brincadeira nos colocam, mas, sobretudo reflexões e problematizações sobre como nos colocamos diante dos modos de viver o brincar e a brincadeira como complexa relação de aprendizado.

SALA 7
14h às 16h

Formação docente e interação escola-academia: Uma experiência na organização de mostra científica

Autor(es):
NATAN MELO ZEFIRO

Co-autor:
Brenda Khrishna de Andrade Miranda

Orientador(es) e coorientador(es):
FERNANDA SERPA CARDOSO
SONIA REGINA ALVES NOGUEIRA DE SÁ

Na busca por uma aproximação entre a Universidade e a Educação Básica, o grupo DIECI-UFF (Desenvolvimento e Inovação em Ensino de Ciências), composto por professoras e licenciandos da Universidade Federal Fluminense, em parceria com o Colégio Salesiano Santa Rosa – Niterói, organizou e realizou o Terceiro Congresso Científico e Tecnológico para o Ensino Médio (III COCTEM), um espaço de ensino não formal (MARANDINO et al., 2003), atendendo a um público oriundo de escolas públicas e privadas. A Mostra Científica, uma das atividades que compõem o COCTEM, consiste em um espaço tempo de interações entre docentes e discentes da escola básica e da universidade, onde diferentes grupos de pesquisa expõem projetos de divulgação científica, resultados de pesquisas, materiais e recursos didático-pedagógicos, superando o distanciamento entre o conhecimento produzido no meio acadêmico e a sociedade (CARDOSO et al., 2018). A participação na organização do evento proporcionou para nós, licenciandos de ciências biológicas, o aprimoramento de competências necessárias para a prática docente, uma vez que o planejamento de atividades extraclasse faz parte da criação de estratégias de ensino que são incumbências dos professores. As atividades desenvolvidas no planejamento da Mostra ampliaram nossa visão sobre a diversidade de habilidades necessárias para organizar eventos para além da sala de aula, como: escolha do espaço físico adequado; estabelecimento de parcerias entre escola e academia; seleção de materiais de infraestrutura de baixo custo, possíveis de serem adquiridos pela comunidade escolar; e, superação de contratempos e dificuldades. Além das necessidades primárias para a organização de eventos escolares, esse, em particular, mostrou a importância da intersubjetividade, uma vez que foi preciso nos comunicar com pessoas muito distintas, com personalidades, faixa etária e níveis de formação diversos. Ademais, a cooperação entre os integrantes da equipe organizadora foi primordial para o sucesso da mostra, evidenciando a importância do diálogo entre sujeitos em um ambiente educacional. Durante a mostra, através da observação da interação dos expositores com o público da educação básica, ampliamos nossa visão sobre caminhos possíveis para proporcionar o contato com conhecimentos científicos a estudantes que normalmente não teriam acesso a eles em sala de aula regular, devido à forma como são usualmente apresentados. A experiência evidenciou a importância do papel tanto de professores universitários quanto da educação básica, na ampliação da relação escola-academia, evitando a hierarquização dos saberes e o distanciamento do conhecimento científico dos estudantes do Ensino Médio.

SALA 7
14h às 16h

Práticas docentes em disciplinas da área de Ciências da Natureza: a reflexão na formação inicial sobre e na ação

Autor(es):

Andressa Queiroz Farias
Maria Virginia Ruiz Villegas
Nathany Pacheco Sousa

Orientador(es) e coorientador(es):

Marcelo Monteiro Marques
Ana Carolina dos Santos Cassano
Diego Moura Barbosa
Gisele dos Santos Miranda

A ciência é definida como um corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias, fenômenos e fatos. Sendo assim, desenvolveram-se atividades dentro das disciplinas das Ciências da Natureza tendo como objetivo aplicar diversas metodologias em vista de despertar um maior interesse do corpo discente, assim como agregar de maneira efetiva na carreira docente dos licenciandos. Nesse viés, vê-se necessário uma fuga ao ensino tradicional, visando alternativas na metodologia de ensino. O aluno, muitas vezes, age de forma passiva, sendo tratado como um mero ouvinte de informações. Para Fialho: “Os jogos educativos com finalidades pedagógicas revelam a sua importância, pois promovem situações de ensino-aprendizagem e aumentam a construção do conhecimento, introduzindo atividades lúdicas e prazerosas, desenvolvendo a capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora”. Da mesma maneira, no ensino de ciências da natureza, a experimentação é de suma importância e praticamente inquestionável, pois a ciência permite o desenvolvimento dessas atividades, uma vez que é excelente para o contato direto com material biológico e fenômenos naturais, incentivando o envolvimento, a participação e o trabalho em equipe. Em vista disso, os projetos realizados consistiram na elaboração e aplicação de um jogo didático sobre química orgânica e aulas experimentais no âmbito das ciências biológicas. Ambos necessitaram de um planejamento prévio adequado. A primeira atividade consistiu na elaboração de um roteiro, cartas e regras do jogo, assim como uma diagnose e um questionário avaliativo acerca do tema. A segunda, por sua vez, constou na preparação do laboratório, separação dos materiais utilizados, criação de roteiros, e por fim, o desenvolvimento e correção dos relatórios das práticas. As dinâmicas foram produzidas nas turmas de 8º ano do ensino fundamental II e 1º, 2º e 3º ano do ensino médio no Colégio Universitário Geraldo Reis – COLUNI UFF. Assim sendo, foi possível uma vivência diversificada de ensino e aprendizagem que possibilitou o desenvolvimento pedagógico e o poder criativo dos licenciandos. Uma vez que a história pessoal e profissional dos envolvidos, tanto professores como graduandos e alunos foram significativos no desempenho educacional. A produção de materiais didáticos diversificados foi importante para atingir diferentes estágios de conhecimento e compreensão dos alunos. Os mesmos demonstraram grande interesse e envolvimento nos trabalhos dispostos..

SALA 8
14h às 16h

Prática docente e ensino de história no século XXI

Autor(es):

Laura Tupinambá Molina Cunha
Victor de Souza Mathias

Orientador(es) e coorientador(es):

Giovanna de Abreu Antonaci
Emerson Guima

Nosso objetivo é aproximar os estudantes de temas sensíveis e traumáticos no ensino de História, como escravidão, racismo e colonialismo até então tratados como conteúdos frios e sistemáticos. Mais do que isso, tais temáticas são importantes para compreender também as diversas identidades culturais que temos em nosso país. Além disso, a abordagem desses assuntos está de acordo com as Leis 10.639/03 e 11645/08 referentes à obrigatoriedade do ensino de cultura afro na educação, cuja aplicação muitas vezes se reduz a uma aula específica sobre a temática. Trabalhar esses assuntos com os alunos se faz muito necessário, pois os permite enxergar as rupturas e permanências ao longo da história e dessa forma, compreender as questões do presente e que fazem parte, muitas vezes, da sua realidade. Ao dar uma aula, o professor não está apenas usando um recorte específico de um determinado período histórico, mas, também, está refletindo e problematizando sobre o presente e, além disso, criando representações que, futuramente, serão utilizadas pelos seus alunos. Com isso, ao longo desses sete meses de atividades construímos várias atividades relacionadas ao cotidiano dos conteúdos nas turmas do Ensino Fundamental 2, mas, neste trabalho, iremos apresentar apenas três, delas, relacionadas ao 1) protagonismo das mulheres, tanto o fato delas serem constantemente inviabilizada pela historiografia, quanto a diminuição de sua importância; e 2) utilização de mídias e conteúdos próximos aos alunos para abrir debates da atualidade dos conteúdos históricos apresentados no currículo.

Partindo da ideia de "pedagogia multicultural" do autor Kabengele Munanga e usando, também, Nilton Mullet Pereira como referencial teórico, buscamos aplicar temas sensíveis no ensino de História no cotidiano da sala de aula, assim, fazendo com que os alunos possam refletir de uma maneira crítica esses temas.

Usamos um vídeo para estimular debates sobre o próprio papel da mulher na sociedade e a influência da cor da pele na sociedade.

Alguns debates levantados pelos estagiários foram: erudição e atividades estudadas por Cleópatra; sua imagem pública distorcida; e a questão do Egito negro e de sua ascendência negra.

Já os alunos, levantaram debates interessantes e, ao final da aula, tiraram conclusões, também, interessantes. Como: seu físico, relatada como "feia" por alguns, mas após uma explicação sobre o "belo" e seus significados ao longo do tempo, mostraram uma opinião bem mais democrática; e porquê da possibilidade dela ter sido negra. Alguns estudantes, até mesmo, sugeriram que era "óbvio" que ela tivesse sido negra, dada sua ascendência..

SALA 8
14h às 16h

A construção de Identidades a partir das Diversidades

Autor(es):

Alessandra Lopes dos Santos

Luana Cordeiro Barreto

Julia Gomes Botelho Marques

Orientador(es) e coorientador(es):

Monica dos Santos Toledo

Lorelay Brandão Façanha

Edna Regina da Silva Aguiar Arruda

Este trabalho apresenta uma experiência vivenciada em duas turmas, 1º e 2º anos, do Ensino Fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF) pelas bolsistas do projeto de Formação Docente “Currículo, Identidade e Diversidade”, que tem por objetivo contribuir para a formação inicial dos licenciandos da Universidade Federal Fluminense, possibilitando diálogos entre as dimensões teórica e prática de sua formação, através da observação das relações interpessoais em sala de aula e da reflexão acerca dos diferentes aspectos da profissão docente no cotidiano da escola. (TARDIF, 2014; NÓVOA, 2018).

Dentre as atividades propostas para as duas turmas, descrevemos duas que buscaram promover a reflexão sobre as questões da identidade e diversidade. Em específico, na turma 101 foi apresentado por meio de uma roda de conversa, uma atividade sobre os Sistemas Sensoriais, onde foi trabalhada a identificação e o reconhecimento do cuidado que devemos ter conosco, com o colega e com o espaço escolar. Na turma 201, foi realizada a apresentação de um breve vídeo “Ninguém nasce racista” com duração de 03min45s, seguido por um debate com as crianças. Dessa forma, estimulamos uma identidade de colaboração em respeito às diferenças.

Essas propostas baseiam-se nas contribuições da Pedagogia de Projetos de Fernando Hernández (2007), que proporciona novos significados à vida escolar do aluno, como também proporciona ao educador novos olhares e novas estratégias à sua formação e prática. Por meio de nossas inserções nas turmas, criamos juntos aos docentes estratégias didáticas que contemplaram o interesse e a curiosidade das crianças acerca do conhecimento, atendendo o caráter da Pedagogia de Projetos e ampliando o repertório do currículo já estabelecido, entendendo a organicidade do planejamento proposta por João Wanderley Geraldi (2010) na expressão “aula como acontecimento” e, principalmente, aprendemos que as diferenças enriquecem as experiências. Através da diversidade, entendemos as alteridades conscientizando que ser professor é formar e ser formado.

SALA 8
14h às 16h

O que dizem as paredes? Processos criativos e linguagens expressivas na Educação Infantil do COLUNI-UFF

Autor(es):

Vitória Rizzo Antunes

Débora Soares Carvalho

Orientador(es) e coorientador(es):

Greice Duarte de Brito Silva

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a dimensão estética da documentação pedagógica e seus atravessamentos nas práticas cotidianas da educação infantil do COLUNI/UFF. Nesta proposta de investigação, a criança é compreendida como um sujeito histórico, detentor de direitos, que atua no mundo e reflete sobre suas ações. Esta concepção de infância constitui o processo educativo. No qual, a documentação pedagógica é uma estratégia importante, entendida como parte de uma pedagogia participativa. Assim, as escolhas de quem documenta evidenciam um compromisso ético ligado ao estético, e pode gerar condições para a criança revelar-se potente, criativa e autora de suas próprias descobertas sobre o mundo. Com inspiração na Pedagogia da escuta (MALAGUZZI, 1999, 2012; RINALDI, 2012), reconhecemos que a criança possui cem ou mais linguagens e os professores são interlocutores privilegiados dos processos de aprender a tornar o mundo inteligível. Consideramos a formação estética do professor como um processo continuado e atento à produção de arte e cultura de seu tempo. Atendendo ao disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) consideramos os princípios éticos, políticos e estéticos nas propostas pedagógicas. Relacionando a dimensão estética à estesia, à capacidade de sentir. Na investigação dos processos criativos, consideramos a documentação como um ciclo de investigação (GANDINI, EDWARDS, 2002). Que emerge como potente desencadeador do trabalho no primeiro semestre de 2019, tendo envolvido o planejamento, organização, observação e registro das práticas relacionadas às experiências artísticas e expressivas das crianças. A forma como a produção das crianças poderia ser apresentada desencadeou diálogos e reflexões sobre a prática. Levando-nos a entender que o senso estético do adulto influencia a forma como ele apresenta o mundo e as descobertas das crianças. No andamento da pesquisa, a escola dispôs de um espaço de mostra permanente das produções, que, sob nossa curadoria, ganhou vida com os materiais produzidos pelas crianças. A fim de comunicar à comunidade escolar suas múltiplas linguagens, a documentação pedagógica contribuiu com a construção da memória afetiva através de intervenções no tempo e no espaço, dando visibilidade ao protagonismo infantil. No que diz respeito à formação, considerou o fazer docente como um potente processo coautorial constitutivo de sentidos e elementos estéticos. Vale ressaltar que este trabalho contribui também para outros estudantes, professores e famílias da comunidade universitária da UFF, pois permite o reconhecimento das singularidades e dos valores de diversos contextos culturais, nas dimensões estéticas relacionadas à ética..

SALA 1
16h às 18h

Diversidade cultural e ensino de línguas adicionais: um novo olhar sobre a importância do ensino de francês nos anos iniciais do EF

Autor(es):
Munique Rocha Vidal
Kevin Soares Turbano

Orientador(es) e coorientador(es):
Camilla dos Santos Ferreira

Este trabalho visa apresentar as ações desenvolvidas com alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental (EF) no âmbito do projeto "Oficina de francês: formação docente e ensino de línguas nos anos iniciais do ensino fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis", iniciadas em abril de 2019. Buscando a interação entre teoria e prática, o projeto oferece oficinas de língua francesa a alunos do 2º ao 5º anos do EF do COLUNI-UFF. Duas das dificuldades encontradas foram a ausência de legislação e a escassez de pesquisas sobre o ensino de língua francesa (LF) nos anos iniciais do EF, devidas à inserção facultativa do ensino de línguas adicionais em escolas (ROCHA, 2007). Tendo como ponto de partida o conceito de Francofonia (CALVET, 2007) e aportes da pedagogia crítica e da pedagogia de projetos (LEFFA; IRALA, 2014), procuramos lançar um novo olhar sobre a importância do ensino de francês nos anos iniciais do EF e da formação das crianças a partir de uma perspectiva intercultural, ao colocar em evidência países e falantes francófonos do continente africano. Assim sendo, questões socioculturais foram discutidas nas oficinas, a fim de incitar a construção de pensamento crítico sobre tais assuntos e de proporcionar uma nova visão sobre países do continente africano. As oficinas tiveram início após a leitura de textos teóricos e a observação do cotidiano escolar, com o intuito de compreender esse cotidiano à luz da teoria estudada e de realizar ações que fizessem parte e respeitassem a realidade dos pequenos (ROCHA, 2007). As discussões realizadas foram importantes para uma melhor compreensão do funcionamento do ensino-aprendizagem de línguas adicionais nessa etapa do ensino e da importância de a língua francesa não ser o foco principal, mas uma ferramenta que viabiliza a autopercepção sobre o mundo e do eu como cidadão. Como resultado, esperamos que os alunos possam (re)significar temas sociais e étnico-raciais e adquirir conhecimentos em língua francesa nos âmbitos oral e escrito. Além disso, nós, bolsistas, percebemos como o professor é indispensável na construção de uma aprendizagem significativa e ativa do aluno e, como consequência, tivemos uma melhor compreensão sobre ato de ensinar.

SALA 1
16h às 18h

Ensino de Língua Espanhola nos anos iniciais: brincar, cantar e contar

Autor(es):

Ana Beatriz Ventura dos Santos Campos

Juliana Palma Gomes Pereira

Livia Puga de Almeida Santos

Orientador(es) e coorientador(es):

Dayala Paiva de Medeiros Vargens

Este projeto está vinculado ao Programa Licenciaturas –PROGRAD, da área de Letras-Espanhol/Pedagogia, da Universidade Federal Fluminense. O projeto em questão está sendo realizado em turmas de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I no Colégio Universitário Geraldo Reis – COLUNI UFF, situado no bairro de São Domingos, Niterói. O seu objetivo é proporcionar reflexão e problematização de preconceitos relacionados a identidades impostas pela sociedade por meio do estudo de diferentes textualidades (orais e escritas) em espanhol. Busca-se trabalhar a língua espanhola no ambiente escolar como forma de enriquecimento discursivo do aluno tanto no âmbito da compreensão como no da produção de sentidos. As propostas didáticas se apoiam na concepção de discurso como modificador da realidade incluindo a transformação de valores, de visões de mundo, do conhecimento do Outro e de si. Nos apoiamos no ensino a partir do agrupamento de gêneros propostos pela combinação narrar cantando, contar brincando e brincar narrando (ROCHA, 2006). Nessa perspectiva, adotamos uma visão sociocultural de linguagem e dos letramentos, repensando as relações entre as posições ideológicas e a representatividade (ROJO, 2009). Nesse sentido, considera-se o educando como participante do mundo em que vive, e assim busca-se cooperar para a formação do cidadão modificador, crítico da sua realidade e engajado discursivamente. Também partimos da concepção de gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis na sociedade que se vinculam às atividades da esfera humana cuja existência, modificação e/ou desaparecimento depende dessa interação (BAKHTIN, 2000). Ainda que em fase inicial, pretendemos promover o engajamento discursivo dos educandos por meio do estímulo ao pensamento crítico e ressignificação de conceitos engessados nas construções sociais.

SALA 1
16h às 18h

“A FORMAÇÃO DOCENTE E A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA BÁSICA”

Autor(es):
Gabriela Meirerose Constantino Giacomo

Orientador(es) e coorientador(es):
Márcia de Assis Ferreira

O objetivo do projeto é o desenvolvimento de estratégias diferenciadas para promover a leitura literária, de modo que atenda às necessidades dos alunos das 2ª e 3ª séries do Ensino Médio do COLUNI-UFF. Por meio de metodologias diversificadas, apresentam-se possibilidades de leitura, despertando neles o senso criativo e reflexivo. Nesta perspectiva, a partir da leitura integral de obras previamente selecionadas, o trabalho desenvolvido em sala de aula permite maior aproximação dos alunos com o texto trabalhado. Sabe-se que a interação dialógica da sociedade com a literatura permeia diretamente a educação e os currículos escolares, pois estimula o pensamento crítico e autônomo do aluno sobre o mundo. O contato com o texto literário permite a reflexão sobre o mundo e possibilita modificar-se a si próprio, pois a experiência que as palavras concebem engloba questões como alteridade, representatividade e organização social (TODOROV, 2010). Assim, percebe-se a literatura como um elemento de construção e transformação social, um direito básico (CÂNDIDO, 2004). Neste contexto, torna-se fundamental que a instituição escolar cumpra a função de ampliar as possibilidades de leitura de que dispõe o estudante no ambiente social em que circula. Deste modo, o projeto pretende uma abordagem pedagógica diversificada que estimule o diálogo e a reflexão crítica, com a intenção de contribuir para a construção de leitores autônomos. Para tanto, no segundo trimestre, foi proposto aos alunos da 3ª série a apresentação de seminários que destacassem aspectos específicos a partir da leitura de três obras brasileiras do período moderno: A hora da estrela, (Clarisse Lispector), A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água (Jorge Amado) e Morte e Vida Severina (João Cabral de Melo Neto). Também nesse trimestre, a 2ª série leu o conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis. Como motivação para a leitura (COSSON, 2009), foi exibido previamente o vídeo “Vida Real” do canal Porta dos Fundos, a fim de que posteriormente à leitura do texto, estabelecessem por escrito relações possíveis. Notou-se como resultado de ambas as propostas um ambiente dinâmico, capaz de instigar e promover maior interação do aluno com a literatura em sala de aula. Está prevista para o 3º trimestre, na turma de 2ª série, a leitura do conto “A cartomante”, também de Machado, e posterior transposição de trechos escolhidos pelos alunos para o gênero teatro.

SALA 2
16h às 18h

A importância da práxis na formação do professor/pesquisador de educação física para atuar na educação básica. Como as novas tecnologias podem contribuir?

Autor(es):

João Pedro da Silva Souza
Victor de Araújo Santos da Motta

Orientador(es) e coorientador(es):

Adriana Machado Penna
Elizandra Garcia da Silva

Este projeto está associado às atividades voltadas à formação de futuros professores de educação física. O seu objetivo geral é contribuir para a integração entre teoria e prática, compreendendo a educação física sob a concepção da “cultura corporal” a qual será analisada na sua relação com o advento das tecnologias da informação. Os objetivos específicos, têm a aspiração de confrontar a “cultura corporal” com a proposta de educação física trazida pela BNCC para o ensino médio. O projeto é baseado no fundamento teórico-metodológico da Pedagogia Histórico-Crítica, que se encontra fundada no campo do materialismo histórico e dialético. Foram realizados estudos dos livros “Escola e Democracia”, de Dermeval Saviani, “Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação.”, de Newton Duarte e análises críticas de materiais da Secretaria Estadual de Educação realizadas em conjunto com instituições sem fins lucrativos como o Instituto Ayrton Senna. Além disso, foi realizado um encontro com o Colégio Estadual Brigadeiro Castrioto para entender o seu Projeto Político Pedagógico, estimulando a aproximação dos alunos com o Ensino Superior e a iniciação a pesquisa. As análises realizadas corroboram para o entendimento de que a BNCC e os materiais fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação buscam o desenvolvimento das competências técnicas nos alunos e essa perspectiva procura atender uma visão mercadológica. Sendo assim, a formação dos educandos está voltada para integração em um mercado flexível e de desempregados. Nesses materiais, os conteúdos são produzidos como instruções às práticas pedagógicas e a implementação das tecnologias, que deveriam auxiliar o educador, acabam sendo agentes das atividades, contribuindo então para a desvalorização docente. Em relação ao encontro com o colégio, o PPP está atrelado à elaboração de projetos que visam atender aos interesses dos alunos e auxiliar no seu processo de aprendizagem. Muitos alunos estão ou já estiveram envolvidos com a Universidade Federal Fluminense; em apresentações culturais e científicas, palestras, atividades voltadas ao lazer ou à iniciação a pesquisa. Os alunos realizam uma atividade que simula um trabalho de conclusão de curso que é utilizado como método avaliativo.

SALA 2
16h às 18h

Perguntas e elaboração de projetos de trabalho na Educação Infantil da UFF: qual o papel do educador?

Autor(es):

Juliana Coutinho Morgado
Karoline Pinheiro Ribeiro
Milena Alves Vivas

Orientador(es) e coorientador(es):

Alessandra Guimarães Rodrigues
Ana Cristina Corrêa Fernandes
Adriana Santos da Mata
Flávia Ferreira de Castilho

Com a presente comunicação, busca-se refletir sobre o papel e a atuação dos educadores no encaminhamento de projetos de trabalho (HERNÁNDEZ, 1998; COLINVAUX, 2001) no cotidiano da Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF). O trabalho com projetos tem se apresentado como uma estratégia potente no processo de desenvolvimento e aprendizagem infantis. Partindo dos interesses, necessidades, demandas, perguntas das crianças, as professoras (re) planejam ações, atividades, propostas que geram novas descobertas, vivências e ampliação do conhecimento. Sendo assim, pretende-se compreender como professoras, bolsistas e mediador devem atuar quando do surgimento de perguntas instigantes e, muitas vezes, inusitadas que as crianças fazem frequentemente. Considera-se que as crianças têm participação ativa na busca por respostas nos projetos desenvolvidos. Cabe acrescentar que, na Educação Infantil da UFF, as crianças de 3 a 5 anos estão reunidas em grupos multi-idade, proposta que tem se mostrado muito significativa tanto para as crianças como para suas famílias, as professoras e demais profissionais da equipe. Nesta perspectiva, a prática docente é orientada por olhar e escuta sensíveis, no intuito de legitimar as vozes, a curiosidade, os saberes infantis. Ao encaminhar um projeto de trabalho, os educadores precisam ter clareza sobre a necessidade de articular a ampliação de vivências e experiências das crianças (FLÔR; DA SILVA, 2008), além de estimular o processo de construção do conhecimento por meio da reflexão, construção de hipóteses e interação com o outro (FREIRE, 2012). Na busca por estreitar os significados e sentidos da prática de projetos, os adultos envolvidos no processo devem atuar, com intencionalidade pedagógica, para aguçar a curiosidade das crianças, suas formas de explorar as diversas linguagens na relação com o mundo e com seus pares. É função e responsabilidade do docente promover um ambiente dialógico (BAKHTIN, 2009) em que as crianças se sintam seguras, confiantes, para agir de modo ativo no estudo de temáticas de seu interesse. As perguntas e elaboração de projetos na Educação Infantil indicam caminhos para (re) inventar convívios entre educandos e educadores, a fim de criar uma dinâmica de trabalho mais solidária e humana..

SALA 2
16h às 18h

Segurança alimentar e hábitos alimentares na educação básica

Autor(es):
Amanda Soares Figueira Silva

Orientador(es) e coorientador(es):
Leandro Ramos Teófilo

O presente trabalho foi desenvolvido com base na vivência do Programa Licenciaturas. Tem como objetivo central acompanhar e analisar a percepção dos alunos sobre hábitos alimentares, consumo consciente e sustentável. Além disso, buscou perceber as potencialidades da disciplina eletiva “Geografia e alimentação: escolhas alimentares, globalização e cultura” na formação de cidadãos capazes de fazerem boas escolhas alimentares, tendo percepção crítica acerca de quem são os agentes dominantes do mercado mundial de alimentos e quanto eles ganham com nossos péssimos hábitos alimentares.

A partir dessa discussão, a ideia foi pesquisar a trajetória do conceito de segurança alimentar e nutricional, apresentando o histórico da evolução do conceito e a implementação de ações como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), a mais antiga política pública de segurança alimentar do Brasil. A análise sobre a PNAE teve como finalidade a compreensão da importância da merenda escolar para o combate a fome no país, além de ser um instrumento de divulgação e incentivo de hábitos saudáveis no ambiente escolar.

Como embasamento teórico, destaca-se o conceito de fome segundo Josué de Castro. A discussão sobre a proposta do autor objetivou entender a importância intelectual e política de personalidades como Josué de Castro para a implementação de ações como o PNAE, que permite que a escola pública seja, na teoria, um espaço de difusão do conhecimento sobre práticas alimentares adequadas, tendo o programa estabelecido a importância da formação de professores que atuem levando a discussão alimentar para a escola.

Fica clara, portanto, a necessidade de iniciativas como a da eletiva de geografia e alimentação, nos espaços escolares para auxiliar os estudantes no processo de autoavaliação e construção de práticas alimentares adequadas, dando incentivo ao melhor consumo alimentar não só pessoal, mas espalhando este conhecimento para familiares e pessoas próximas.

Por fim, é evidente a emergência da expansão deste debate para toda comunidade escolar, já que a escola se apresenta como um espaço de troca de saberes entre a universidade. Há um intenso potencial para maiores reflexões sobre o tema, não se limitando aos outros professores da instituição, mas transbordando o debate para a universidade, enriquecendo e somando conhecimento acadêmico ao saber escolar. Desenvolver práticas de consumo consciente é uma forma de construir um futuro coletivo melhor, o que deve ser uma preocupação da pesquisa e do ensino públicos.

SALA 2
16h às 18h

Potencialidades da disciplina eletiva “Meios de comunicação no mundo contemporâneo” no COLUNI/UFF

Autor(es):
Stefanny Santos Monteiro

Orientador(es) e coorientador(es):
Leandro Ramos Teófilo

O presente trabalho desenvolvido em “Geografia na educação básica: o COLUNI/UFF como um espaço de construção de novas teorias, práticas e inspirações pedagógicas” do Projeto Licenciaturas tem como objetivo central apresentar as potencialidades da disciplina eletiva “Meios de comunicação no mundo contemporâneo”, ministrada no segundo trimestre do ano de 2019 pelo professor de Geografia acompanhado pela autora a seis alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis. E ainda, tecer uma reflexão crítica acerca da potência da experiência formativa vivida pela bolsista de iniciação a docência. Levantar este debate é de extrema relevância, pois a sociedade como um todo está diante de um fluxo de informações cada vez mais intenso promovido pela modernização tecnológica dos meios de comunicação. Este fato provoca intensas mudanças tanto nas relações interpessoais bem como na maneira de compreender o mundo, se informar, consumir entretenimento, etc. Sendo a escola um espaço de aprendizagem e socialização, é fundamental a comunidade escolar compreender melhor esses efeitos. Assim, para atingir o objetivo supracitado, foi utilizado como suporte teórico-metodológico as reflexões sobre mídia e televisão de Pierre Bourdieu, Marilena Chaui e Karl Popper. Nos embasamos no método dialético, pois a observação participativa realizada pela autora proporcionou a aplicação de um questionário aos alunos participantes no final da disciplina. Desta forma, os resultados elucidam a importância do diálogo sobre o uso dos meios de comunicação pelos jovens na escola em questão, pois estimula seu uso de forma crítica e questionadora e, portanto, será novamente ofertada no próximo trimestre de modo a explorar mais profundamente as possibilidades do tema.

SALA 3
16h às 18h

COLUNI-UFF COMO ESPAÇO-TEMPO DE FORMAÇÃO DOCENTE DO LICENCIANDO DE MATEMÁTICA

Autor(es):

Marcio Marques Monteiro
Rafael Guimarães de Assis Motta

Orientador(es) e coorientador(es):

Carlos Augusto Aguilar Júnior

A proposta do projeto consiste em mostrar aos alunos alternativas diferenciadas para o aprendizado da Matemática, em adaptação de jogos, brincadeiras e gincanas, além de acompanhar as aulas para que possamos observar o cotidiano de uma sala de aula e analisar onde o aluno mais tem dificuldade, para que isso nos ajude a proporcionar a eles uma maneira mais atrativa para que assim cessem as dúvidas sobre específico conteúdo. Para tanto, os bolsistas, após o período de acompanhamento e observação participante das turmas, propuseram construir atividades lúdicas com algumas turmas visando à superação das dificuldades de aprendizagem percebidas durante as aulas acompanhadas, com base na literatura especializada e em relatos acadêmicos de experimentos similares. Inspirados nas contribuições sobre a pesquisa sobre a prática que nos traz Ponte (2004) e a partir das leituras de Cabral (2006), Santos e Silva Júnior (2014), Silva, Santos, Solza e Santos (2013), focamos o desenvolvimento das atividades pautando-nos pela perspectiva do uso dos materiais lúcidos como tecnologias educacionais a serem instrumentalizadas com a finalidade de possibilitar a aprendizagem de conteúdos matemáticos curriculares, bem como fomentar a construção de competências necessárias para se viver em sociedade, como a colaboração, a escuta do outro a formulação e testagem de hipóteses. Os bolsistas acompanharam mais amiúde as turmas 301 e 501 (atividades do Laboratório de Educação Matemática - LEMAT) e também as turmas 801 e 901. Durante o tempo acompanhando as turmas, foi verificada muita competitividade e individualismo em uma das turmas, a 501, com isso foi aplicado uma atividade em 2 grupos na qual, com a ajuda da professora regente, conseguimos levar outra visão para os alunos e mostrar que entre eles se fazem necessários a união e o companheirismo. Já com a 301 no Lemat, a proposta foi um pouco diferente, trabalhávamos em conjunto com a professora regente Nathália reforçando tudo o que aprendiam em sala com a mesma. E levamos ao laboratório uma atividade com decomposição de números, especificando as unidades, dezenas e centenas, individualmente para que consigamos observar qual aluno tem mais dificuldade e dar um suporte maior. Para as turmas 801 e 901, foi pensado e está em fase final de construção e aplicação às turmas o jogo de tabuleiro Pierri. O jogo Pierri é um jogo de tabuleiro inspirado em famosos jogos de tabuleiro que fazem parte da infância de diferentes gerações, trazendo nele perguntas envolvendo matemática. É um jogo formado por fichas com perguntas para o 8º e 9º anos, com 3 graus de dificuldades (1 – fácil, 2 – médio, 3 – difícil) e desafios, que devem ser respondidos e realizados dentro de um dado intervalo de tempo controlado por uma ampuleta. Alguns resultados observados nas intervenções com as atividades são notados em melhoria das aprendizagens constatadas pelos professores regentes, mas principalmente uma maior integração e sociabilidade entre os estudantes.

SALA 3
16h às 18h

LEMAT - ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO E RESSIGNIFICADOS

Autor(es):
Rosana da Silva Soares

Orientador(es) e coorientador(es):
Ana Paula Cabral Couto Pereira

Destacamos o trabalho desenvolvido para explorar os conceitos pertinentes às formas geométricas em dois contextos diferentes. Com a turma do 1º ano do Fundamental I (com crianças de 6 a 7 anos) iniciamos com uma atividade de modo a diferenciar as principais formas planas (círculo, retângulo, quadrado e triângulo). Por se tratar de uma turma que está em processo de alfabetização, fizemos a escolha de abordarmos o tema através da literatura infantil. O livro escolhido foi *As três partes*, de Edson L. Kozminski, Editora Ática, que fala sobre uma casa que resolve ser outras coisas. Para isso, ela se divide em três partes (formas geométricas) que saem pelo mundo e vão montando formas diversas. Após a leitura do livro, distribuimos para cada criança as três formas reproduzidas em papel colorido: dois triângulos e um trapézio e exploramos as características dessas figuras (número lados e de cantos – ângulos, nomenclatura, semelhanças e diferenças). Dando continuidade, contamos a história novamente e solicitamos que os alunos construíssem, utilizando as figuras geométricas em papel, todas as formas que as três partes formavam ao longo do livro. Nessa construção foi explorado também a escrita das coisas que estavam sendo construídas, como CASA, PÁSSARO, PEIXE, FLOR, entre outras. Desta forma cada criança tinha a sequência das formas do livro e puderam exercitar sua criatividade na hora de recontar a história. Em sequência, propomos que eles pudessem ser os “escritores” e inventassem novas formas com as três partes. Os conceitos de quantidades de lados, ângulos, forma convexa ou não, polígonos ou não foram abordados no desenvolvimento das atividades propostas. Com a didática do livro e a exploração do imaginário das crianças, as atividades realizadas a partir desse livro foram descontraídas e curiosas. Em outro contexto, na turma do 3º ano do Fundamental (com crianças de 8 a 9 anos) a escolha do trabalho foi através do quebra cabeça Tangram. As peças do Tangram além de servir como uma brincadeira descontraída, também serviu para explorar conceitos como, noção de espaçamento, de tamanho, formatos, quantidade de lados e nomenclatura de algumas formas planas. As atividades propostas estavam classificadas do fácil para o difícil, e os alunos foram submetidos a desafios de encaixe de formas com as peças, bem como a exploração da criatividade em formar novas formas. Nas duas atividades foram observados o interesse dos alunos em estarem manipulando objetos e percebendo os conceitos trabalhados de modo lúdico.

SALA 3
16h às 18h

Atividades Lúdicas como possibilidade diferenciada no fazer docente.

Autor(es):
Marcio Miranda Monteiro

Orientador(es) e coorientador(es):
Carlos Augusto Aguilar Júnior

A proposta do projeto consiste em mostrar aos alunos alternativas diferenciadas para o aprendizado da Matemática, em adaptação de jogos, brincadeiras e gincanas, além de acompanhar as aulas para que possamos observar o cotidiano de uma sala de aula e analisar onde o aluno mais tem dificuldade, para que isso nos ajude a proporcionar a eles uma maneira mais atrativa para que assim cessem as dúvidas sobre específico conteúdo. Para tanto, os bolsistas, após o período de acompanhamento e observação participante das turmas, propuseram construir atividades lúdicas com algumas turmas visando à superação das dificuldades de aprendizagem percebidas durante as aulas acompanhadas, com base na literatura especializada e em relatos acadêmicos de experimentos similares. Inspirados nas contribuições sobre a pesquisa sobre a prática que nos traz Ponte (2004) e a partir das leituras de Cabral (2006), Santos e Silva Júnior (2014), Silva, Santos, Solza e Santos (2013), focamos o desenvolvimento das atividades pautando-nos pela perspectiva do uso dos materiais lúcidos como tecnologias educacionais a serem instrumentalizadas com a finalidade de possibilitar a aprendizagem de conteúdos matemáticos curriculares, bem como fomentar a construção de competências necessárias para se viver em sociedade, como a colaboração, a escuta do outro a formulação e testagem de hipóteses. Os bolsistas acompanharam mais amiúde as turmas 301 e 501 (atividades do Laboratório de Educação Matemática - LEMAT) e também as turmas 801 e 901. Durante o tempo acompanhando as turmas, foi verificada muita competitividade e individualismo em uma das turmas, a 501, com isso foi aplicada uma atividade em 2 grupos na qual, com a ajuda da professora regente, conseguimos levar outra visão para os alunos e mostrar que entre eles se fazem necessários a união e o companheirismo. Já com a 301 no Lemat, a proposta foi um pouco diferente, trabalhávamos em conjunto com a professora regente Nathália reforçando tudo o que aprendiam em sala com a mesma. E levamos ao laboratório uma atividade com decomposição de números, especificando as unidades, dezenas e centenas, individualmente para que consigamos observar qual aluno tem mais dificuldade e dar um suporte maior. Para as turmas 801 e 901, foi pensado e está em fase final de construção e aplicação às turmas o jogo de tabuleiro Pierri. O jogo Pierri é um jogo de tabuleiro inspirado em famosos jogos de tabuleiro que fazem parte da infância de diferentes gerações, trazendo nele perguntas envolvendo matemática. É um jogo formado por fichas com perguntas para o 8º e 9º anos, com 3 graus de dificuldades (1 – fácil, 2 – médio, 3 – difícil) e desafios, que devem ser respondidos e realizados dentro de um dado intervalo de tempo controlado por uma ampuleta. Alguns resultados observados nas intervenções com as atividades são notados em melhoria das aprendizagens constatadas pelos professores regentes, mas principalmente uma maior integração e sociabilidade entre os estudantes.

SALA 4
16h às 18h

A relação de cuidado como princípio pedagógico inclusivo na Educação Infantil do COLUNI-UFF

Autor(es):

Juliana Torres Duarte

Raquel Tonassi da Silveira Danon

Orientador(es) e coorientador(es):

ADRIANA SANTOS DA MATA

Alessandra Guimarães Rodrigues

Considerando educação e cuidado como princípios pedagógicos inclusivos, indissociáveis (DCNEI, BRASIL, 2009), pretende-se, neste trabalho, refletir sobre as relações estabelecidas entre crianças com necessidades educativas especiais (NEE) e as demais crianças da Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF). Aborda-se a relação entre pares numa perspectiva alteritária (DELARI JUNIOR, 2009), compreendendo que o cuidado no processo de inclusão de crianças com NEE favorece o desenvolvimento, o crescimento e a formação humana sensível tanto daquelas crianças como das demais na convivência cotidiana. Na Educação Infantil do COLUNI, há duas crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA). O TEA é uma síndrome que se caracteriza pela deficiência significativa na comunicação e interação sociais; padrões repetitivos de comportamento ritualizado e interesses restritos e fixos, entre outras especificidades, segundo a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, Lei 12.764/2012). Elas estão incluídas em grupos multi-idade, formados por crianças de diferentes faixas etárias. A proposta da multi-idade rompe com a lógica de organização comum em escolas tradicionais, pautada por um ideal homogêneo e padronizado de turma. A multi-idade favorece a convivência das crianças com as diferenças e as singularidades, sejam de idade, de experiências, ou de condições físicas e mentais. Sem considerar o desenvolvimento e a aprendizagem como processos lineares, as relações nos grupos multietários possibilitam o acesso à diversidade, ampliando as oportunidades de aprendizagem significativa tanto das crianças com NEE quanto das demais (MATA, 2015). A Educação Infantil da UFF é um espaço que promove e valoriza o afeto e a amizade entre as crianças e os demais sujeitos adultos. Neste sentido, pode-se compreender como se dão as relações afetivas, de colaboração e de cuidado que entrelaçam professores, mediadores, bolsistas e, principalmente, as crianças. A partir dos cadernos de registros, vídeos, fotografias, com instantâneos das vivências cotidianas, percebe-se como a relação entre as crianças favorece a sensibilidade e a empatia entre elas. A experiência na Educação Infantil da UFF tem contribuído com a formação acadêmica das discentes, à medida que convoca à reflexão e ao compromisso ético dos professores/pedagogos com a inclusão.

SALA 4
16h às 18h

REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL UFF: AMBIENTES E VIVÊNCIAS

Autor(es):
Stéfany Bicalho Fernandes

Orientador(es) e coorientador(es):
Andréa Relva da Fonte G. Endlich
Ana Cristina C. Fernandes
Adriana Santos da Mata

O trabalho tem como objetivo refletir sobre o brincar na Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF), com enfoque nas ações e relações das crianças de 3 a 6 anos nos diferentes ambientes da instituição. Ressaltam-se as vivências infantis como promotoras do desenvolvimento e aprendizagem no grupo de crianças multi-idade (MATA, 2015). Buscou-se exercitar o olhar atento e a escuta sensível para os momentos de brincadeiras. Nas vivências cotidianas, observou-se que brinquedos e diferentes materiais ganhavam novos sentidos e usos, configurando-se como instalações, isto é, como formas de (re) organizar o ambiente a partir dos diferentes artefatos disponíveis. Na relação entre pares, materializavam-se ideias na ressignificação de espaços e objetos, pelo brincar e o imaginar das crianças, ampliando vivências. Ao revisitar o caderno de registros da prática cotidiana, em diálogo com Vigotski (2009), Borba (2007), Wajskop (1995) e Guimarães (2012), além da consulta às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), entende-se que a criança é um ser social, cultural e explorador, capaz de imaginar e subverter os ambientes para determinados objetivos. Cabe destacar que, na relação com as infâncias, o adulto tem papel ativo, como sujeito que também participa das (res)significações dos ambientes e das brincadeiras. O sujeito adulto tem, assim, a oportunidade de vivenciar junto às crianças suas experimentações e criações nos diferentes contextos lúdicos. Desse modo, o olhar e a escuta cuidadosos para o brincar na Educação Infantil possibilitam aproximações e maior compreensão das vivências infantis nesta primeira etapa da Educação Básica. As brincadeiras são reveladoras potentes dos interesses, necessidades, desejos e conhecimentos das crianças. A partir delas, sem didatizá-las, discentes em formação e docentes promovem ações que ampliam as vivências educativas na instituição. Afirma-se o brincar na infância como eixo fundante do trabalho na Educação Infantil e, principalmente, como direito das crianças nas suas formas de ser e estar no mundo.

SALA 5
16h às 18h

Educação Infantil UFF: Registro e Formação Docente – Experiências de iniciação à docência

Autor(es):
Fabiana Santiago de Sousa

Orientador(es) e coorientador(es):
Ana Cristina Correa Fernandes
Andréa Relva da Fonte G. Endlich
Adriana Santos da Mata

A formação inicial docente, ancorada na perspectiva da professora-pesquisadora (ESTEBAN e ZACCUR, 2002) sustenta o trabalho aqui apresentado. Nele é compartilhado a experiência vivida por uma estudante do Curso da Pedagogia, como bolsista do Programa de Licenciaturas, na Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF). A experiência acontece junto a um grupo multi-idade (MATA, 2015), composto por 15 crianças de 3 anos a 6 anos com suas professoras. Decorrem reflexões de um processo inicial de formação docente que encontra em diferentes registros o seu fomento. Dessa forma, anotações em caderno de campo, filmagens, fotografias, áudios e diferentes produções infantis constituem-se como acervo de investigação do cotidiano vivido junto às crianças e adultos – discentes e profissionais. O debruçar-se criticamente sobre os registros e com eles dialogar e recuperar o vivido constitui-se dinâmica do trabalho. A partir da problematização que emerge da ação reflexiva sobre tal documentação, a dinâmica pedagógica é revisitada e dialoga-se sobre a ação da professora como pesquisadora da sua prática. O trabalho com os registros exige olhar e escuta sensíveis aos diferentes acontecimentos do dia a dia, às suas sutilezas. Esse processo impulsiona reflexões/questionamentos articulados à constituição da professora pesquisadora: como compreender a necessidade do aperfeiçoamento de nossas práticas? Como chegamos a essas conclusões? Como este pensamento se encontra inserido entre as tessituras que devem ocorrer entre teoria e prática? A experiência aqui partilhada aponta que teoria e prática atravessam o percurso formativo docente. A vivência como bolsista de iniciação à prática discente revela a importância que essa experiência possui na vida da estudante que está se formando como docente. No percurso formativo, a utilização dos registros apresentam-se para além de instrumentos, uma vez que “eternizam” as vivências que atravessam o cotidiano das crianças, das professoras e das bolsistas nas múltiplas interações que vivenciam na escola. Tais registros ganham e trazem vida para prática pedagógica, uma vez que podem materializar expressões infantis e a ação docente, bem como revigorar a dinâmica pedagógica. Os registros constituem-se potência de aperfeiçoamento do fazer docente e do olhar pesquisador. O trabalho exposto busca em Freire (1992, 1996) inspiração na sua educação problematizadora e no inacabamento humano; em Ostetto (2013, 2017) aporte para a reflexão sobre registro e formação docente, em Rinaldi (2012) destaque para seus estudos a respeito da escuta infantil e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) as orientações legais para o trabalho na primeira etapa da Educação Básica.

SALA 5
16h às 18h

Observações sobre a brincadeira na Educação Infantil do Coluni/UFF

Autor(es):

Danielle Santos Alves
Suellen Moreira Candido
Mariana Fiore Ramos

Orientador(es) e coorientador(es):

Roberta de Lima Manceira Flores
Flávia Ferreira de Castilho
Simone Berle
Alessandra Guimarães Rodrigues

O presente estudo faz parte de um projeto de Pesquisa intitulado “Formação inicial na Educação Infantil/UFF” apresentado ao programa de Licenciaturas da Universidade Federal Fluminense, sido contemplado com sete bolsas destinadas a estudantes de licenciaturas. Neste trabalho objetivamos refletir sobre as perspectivas das crianças, no encaminhamento de um projeto pedagógico construído em uma ação coletiva entre adultos e crianças tendo como mote a construção de um barco, não um barco qualquer, mas um em que todas as quinze crianças que compõem este grupo pudessem entrar juntas. Assim, com caixas de papelão, folhas de jornal, cola e tinta, um barco foi construído para acolher as crianças e suas brincadeiras. Estas interações, que registramos desde a manifestação do desejo pelo brinquedo até a sua projeção e construção, foram acompanhadas por nós e mereceram destaque em nossos cadernos de campo; além das observações, as discussões realizadas nas reuniões de formação continuada com as professoras do grupo e com o restante da equipe da instituição, contribuíram sobremaneira para pensarmos o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil. Auxiliadas pelos estudos de Vigotski (2018) e os pressupostos da teoria sócio histórica, que defende a atividade criativa e criadora da imaginação, elencamos algumas percepções sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento da criança da pré-escola. Conforme o referencial bibliográfico que fundamenta esse estudo, a brincadeira é parte essencial do processo de desenvolvimento da criança, e portanto, destacamos a importância da brincadeira enquanto uma relação humana de sociabilidade na infância, e buscamos analisá-la como objeto de pesquisa das ciências que estudam o homem e seu comportamento, entendendo o papel importante que o professor desempenha neste contexto educativo.

SALA 5
16h às 18h

ESCUA E OLHAR SENSÍVEL COM AS CRIANÇAS: VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL - UFF

Autor(es):

Larissa Santos Martins
Yasmin Simões dos Santos

Orientador(es) e coorientador(es):

Andréa Relva da Fonte G. Endlich
Ana Cristina Correa Fernandes
Adriana Santos da Mata
Cláudia Vianna de Melo

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância da escuta e do olhar sensível do adulto – discentes em formação e docentes – como potências nas interações das crianças entre si e delas com os adultos, nos diferentes contextos vividos na Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI-UFF). Crianças de três a cinco anos e onze meses, com múltiplas experiências culturais, em um mesmo grupamento, vivenciam a exploração dos variados ambientes em interações constantes. Alguns episódios ancorados nas múltiplas linguagens vividos no ambiente do faz de conta (composto por casinha, mercado, consultório médico), nas rodas de conversa e de história, na biblioteca e também nas áreas externas da instituição favorecem reflexões sobre o mundo, provocando deslocamentos da visão adultocêntrica sobre as ações e percepções das crianças. Para os discentes, o exercício de registrar episódios do cotidiano – prioritariamente em caderno de campo e através de fotografias – constitui-se como ponto de partida para reflexões sobre a importância da observação. Nesse sentido o ato de observar exige um refinamento da escuta e do olhar frente às interações de crianças com seus pares e com adultos, em diferentes momentos e ambientes. Este trabalho destaca três episódios vivenciados junto às crianças nos quais a literatura, o mundo de cultura no qual estão inseridas e o brincar em ambiente externo convidaram as discentes a participar do mundo infantil com postura investigadora. O olhar e a escuta sensível das estudantes em formação possibilitaram aproximações diferenciadas com as crianças e na busca por compreensões das diversas lógicas infantis. Como referenciais teóricos do trabalho aqui apresentado, elencam-se as contribuições dos estudos de Larrosa (2002, 2004) acerca da experiência; Borba (2012) e Oliveira (2010) na pesquisa sobre o brincar e interações; Moro (2016) e Hoffmann (2012) na valorização da escuta e do olhar sensível no encontro com a criança, além do embasamento legal das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).

SALA 6
16h às 18h

Da pista para a formação docente: o hip hop e as narrativas urbanas escolares

Autor(es):
Mateus de Panigai Oliveira

Orientador(es) e coorientador(es):
Lucia Cavalieri

Da pista para a formação docente: o hip hop e as narrativas urbanas escolares' é um projeto de licenciatura voltado para o Ensino Fundamental II no qual são empregadas estratégias pedagógicas para estimular o imaginário geográfico dos estudantes com enfoque na apreensão do urbano e suas expressões artísticas, em destaque o grafite e a cultura hip hop.

O projeto ocorre na Escola Municipal Alberto Torres situada em Niterói, RJ durante o contraturno. É aberto para participação de todos estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental em encontros semanais. Conta com a participação de docentes parceiros na escola e funda-se no planejamento coletivo e participativo para a elaboração das atividades político-pedagógicas.

A linguagem da cultura hip hop é compreendida como movimento que desdobra-se em inúmeras histórias contadas no grafite, na música e na dança trazendo consigo um conjunto de valores, desejos, hábitos e crenças que se manifestam nos espaços da cidade. A opção por essa linguagem possibilitou uma maneira de estudar essa geograficidade dinâmica ultrapassando a roupagem tradicional de ensino ao propor atividades lúdicas e profundamente reflexivas que privilegiam a circulação de diferentes práticas de ensino a fim de compreender a experiência e as narrativas urbanas periféricas dos estudantes. Assim sendo, o objetivo é apreender as narrativas dos estudantes e suas vivências entendendo como eles vivem e pensam seus direitos na cidade a partir de uma linguagem mais próxima e plena de poéticas. Ser jovem na cidade implica em praticar a arte e a cidadania em movimentos, sobrevivências e resistências.

SALA 6
16h às 18h

A subsunção da educação básica à ordem do capital: apontamentos sobre esperança e resistência

Autor(es):
Jacqueline deSouza Ferreira

Orientador(es) e coorientador(es):
Isabella Vitoria Castilho Pimentel Pedroso

O presente trabalho intitulado “A subsunção da educação básica à ordem do capital: apontamentos sobre esperança e resistência”, teve como objetivo fomentar a pesquisa e o estudo acerca da dinâmica econômica mundial e brasileira associando-a às políticas públicas destinadas à educação e ao financiamento do ensino público brasileiro. Em fins da década de 1980, o setor educacional passa a configurar-se como a nova mercadoria do sistema capitalista, servindo como “salvação” para a crise econômica vivida na década anterior, a saber, a crise de superacumulação. Este novo caráter atribuído à educação promoveu mudanças significativas na concepção curricular da educação básica, além de colocar em xeque a noção de educação pública existente até então. Essas transformações que a escola pública tem experimentado produziram um processo de privatização e precarização, que se conjugaram às mudanças no currículo escolar. Entende-se que o objetivo deste novo paradigma é atender demandas orientadas por instituições supranacionais, como o Banco Mundial e a OCDE, por exemplo. O modelo educacional proposto por tais instituições faz parte de um projeto político que visa descortinar o papel do Brasil na nova divisão internacional do trabalho. Ao nosso país caberia, unicamente, servir de apoio à expansão – territorial – da margem de lucro dos países desenvolvidos. Entende-se que, hoje, os currículos escolares têm a função primordial de limitar a produção do conhecimento adequando-se à observância das instituições supranacionais citadas. A Base Nacional Comum Curricular pode ser considerada um exemplo disso, pois, entre outros, estipulou um currículo mínimo nacional para a educação básica, descartando as especificidades de um país de dimensões continentais. Compreende-se que esta homogeneização curricular será responsável por converter uma expressiva parcela da população em força de trabalho barata e pouco qualificada, cujo objetivo relaciona-se à manutenção do capitalismo na periferia do mundo. Assim, fez parte desta pesquisa relacionar a geopolítica mundial às mudanças estruturais na educação básica brasileira, baseando-nos em teorias sobre geopolítica, política educacional e financiamento do ensino público, sobretudo aquelas que consideram a educação pública como parte de um projeto de nação. Deste modo, foi possível fomentar um novo momento político e pedagógico no COLUNI UFF, ao propormos reflexões sobre as políticas educacionais produzidas pelo atual governo, relacionando-as ao contexto econômico e político mundial. Estas reflexões nos auxiliaram a pensar formas de resistência contra os ataques ao caráter público da educação básica, aproximando-nos daqueles que a entendem como um lugar plural e de resistência

SALA 6
16h às 18h

Experimentação e Contexto Histórico e Cultural: uma contribuição para a formação do professor de química

Autor(es):
Rayssa Medrado Araujo

Orientador(es) e coorientador(es):
Rose Mary Latini Cova

Neste projeto temos por objetivo a inserção no ensino de química de atividades experimentais que favoreçam não somente o aprendizado de conceitos científicos, mas também a compreensão do cotidiano social dos alunos. Nesse sentido, pretendemos o uso da atividade experimental para além da sua utilização como recurso didático motivacional, empírico, e comprovador das teorias científicas já expostas aos alunos (GALIAZZI e GONÇALVES, 2004, p. 327). O projeto está sendo desenvolvido no Colégio Pedro II-Unidade Niterói, que possui aulas experimentais na sua grade curricular assim como laboratório didático. Como orientação teórico-metodológica buscamos uma prática dialógica com os sujeitos escolares, tendo na participação a base para o desenvolvimento das atividades. Inicialmente, nos reunimos com um dos professores de Química do colégio, que se dispôs a participar do projeto, para discutir questões relativas ao projeto e ao cotidiano escolar. Posto isso, fomos à escola para conhecer mais de perto as práticas escolares institucionalizadas: seu currículo, práticas educativas, conteúdos de química em cada uma das séries, o número de aulas experimentais por turma, o modo de funcionamento do laboratório e o tempo dedicado às aulas de modo a favorecer o desenvolvimento de atividades em consonância com estas. Em seguida começamos a elaborar com o professor atividades para as aulas no laboratório. Definimos então que o total de atividades experimentais propostas ao longo do projeto seriam de 12 práticas, envolvendo os conteúdos das 3 séries do EM. Até agora já foram elaboradas 4 práticas e aplicadas 2. Esses experimentos são novos ou adaptados aos que já existiam, de modo a incorporar discussões relacionadas ao cotidiano social dos alunos como forma de favorecer discussões para além do conteúdo de química e que permita o entendimento de questões sociais, tecnológicas e/ou ambientais. No decorrer de algumas das aulas aplicadas pudemos perceber certa dificuldade em ir além dos conceitos da química abordados no experimento. Tais questões estão relacionadas, principalmente, com a rigidez das práticas institucionalizadas do Colégio, o que acaba por reproduzir, muitas vezes, nas aulas de Laboratório, uma forma de ação bem similar ao espaço de sala de aula. Seguimos desenvolvendo as práticas junto ao professor, e buscando a melhor forma de levar os alunos a compreender, com o auxílio das aulas no laboratório, o meio social em que vivem e a deixarem de ver os experimentos apenas como comprovadores de teorias científicas.

SALA 6
16h às 18h

BIOECONOMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PRÁTICA LÚDICA PARA SEU ENTENDIMENTO

Autor(es):
JASMIN BRUNA STARIOLO

Orientador(es) e coorientador(es):
GISELE DOS SANTOS MIRANDA
KARINE DE OLIVEIRA BLOOMFIELD FERNANDES

A bioeconomia se baseia no uso de material biológico sustentável, para desenvolver tecnologias necessárias à população, e que está presente nas áreas de biotecnologia industrial, saúde humana e produtividade agrícola e pecuária. O Brasil, possui 22% da biodiversidade mundial tem grande potencial para ser líder no setor da bioeconomia, logo se faz necessário o entendimento desse termo pelos estudantes da Educação Básica, preparando cidadãos conscientes de seu futuro, a fim de ser a próxima geração a ter que desenvolver meios sustentáveis para lidar com os problemas ambientais. Com isso, as orientadoras deste trabalho propuseram uma disciplina eletiva para trabalhar questões sobre a Bioeconomia, com os alunos de sexto e sétimo anos do ensino fundamental do COLUNIUFF, objetivando proporcionar aos alunos o entendimento desse termo e permitir, desse modo, eles desenvolvessem uma apresentação para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2019, que além de ter o protagonismo dos alunos nas escolhas das atividades desenvolvidas ainda deveria ser inclusiva, de modo a contemplar uma das alunas da turma que é cega. Ao percebermos que os alunos estavam apresentando dificuldade em conseguir diferenciar a bioeconomia de outras práticas sustentáveis, decidimos produzir um jogo que permitisse o aprendizado mais eficaz, através de uma alternativa lúdica. Com objetivos claros, para que o jogo fosse de fato educativo, foram construídos cartões de perguntas, relacionadas ao tema e às práticas, realizadas durante as aulas. A proposta do jogo era trocar peças, que formavam um rio sujo, por peças de um rio limpo (no tabuleiro), caso respondessem corretamente as perguntas do cartão. À medida que acertavam as respostas, os jogadores prosseguiam no jogo mudando a realidade do rio (de sujo para limpo) e também adquirindo dinheiro, que poderia ser virtual como bit coins, ações da bolsa e crédito de carbono, ou real (como o de outros jogos similares ao do banco imobiliário) o que permite trabalhar a questão da bioeconomia na sua plenitude e discutir questões de mercado, muitas vezes distantes dos alunos da educação básica. Para tornar o jogo inclusivo ao público cego, este foi adaptado seguindo critérios de acordo com Cerqueira e Ferreira (2000), como: Significação tátil, Tamanho adequado, Facilidade no manuseio, Resistência dos materiais, Segurança. Além de percebermos que os alunos haviam compreendido o termo, também foi visto uma autonomia no processo de pesquisa que estava silenciada neles, por meio de discussões riquíssimas sobre as particularidades da bioeconomia, levantadas pelos próprios estudantes.

16h às 18h

A expressão Audiovisual no Ensino Médio

Autor(es):

Lucas De Martin Fortunato

Orientador(es) e coorientador(es):

Eliany Salvatierra Machado

O Projeto “A expressão Audiovisual no Ensino Médio”, desenvolvido pela professora Eliany Salvatierra e o licenciando Lucas De Martin Fortunato, do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF), visa, como o próprio nome elucida, promover encontros e atividades que valorizem o pensamento reflexivo e a experiência criativa através do Cinema e audiovisual no contexto escolar do Ensino Médio. Para desenvolver essa proposta, selecionamos uma turma do 1º ano desse nível, no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC). Através de encontros presenciais, são tratadas temáticas que envolvem o Cinema, através de três momentos distintos. O primeiro refere-se à exibição de filmes seguidos de discussões em relação ao tema proposto e a linguagem cinematográfica, mostrando diferentes formas de se abordar a análise de uma obra fílmica. Rosália Duarte, no livro Cinema e Educação, destaca o quanto a experiência de assistir filmes influencia na geração de novos saberes e nas relações sociais. O segundo momento se trata de uma etapa prática, onde através de atividades lúdicas, tendo o audiovisual como intermédio, busca-se provocar maior participação dos alunos. Por fim, os produtos audiovisuais resultantes dessa etapa serão exibidos e discutidos em sala de aula. O objetivo é promover um novo olhar sobre o Cinema, mostrando que se trata não só da apreciação, como espectador, do filme como um “produto”, mas sim, que é possível refletir criticamente sobre as obras e, além disso, ultrapassar o papel passivo de espectador. Dessa forma, busca-se valorizar o Cinema enquanto um processo de expressão e imaginação, onde o que interessa é a experiência coletiva e criativa dos discentes, sem buscar uma linguagem formal. Podemos compreender esse método como um processo de “desconstruir” o Cinema, através de produções que “carregam indicadores que revelam o que há de básico sobre as condições de produção e sobre seus códigos”. (XAVIER, 2008, p.159). O resultado desse processo é o surgimento de um novo olhar sobre a realidade por parte dos alunos, ressignificado pelo Cinema. Que além disso, agora, passam a se reconhecer também como sujeitos ativos, e o audiovisual como uma linguagem acessível e um recurso para a construção de diálogos..

16h às 18h

Laboratório de Educação Infantil e Cultura Corporal

Autor(es):

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa

Orientador(es) e coorientador(es):

Adriana Martins Correia

Neyse Luz Muniz

O "Laboratório de Educação Infantil e Cultura Corporal" (LEICC) no ano de 2019 dá continuidade ao processo desenvolvido no Programa Licenciaturas nos anos de 2017 e 2018, promovendo ações de iniciação à docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Objetiva desenvolver um projeto de intervenção, a partir de um planejamento participativo que integre a coordenação do projeto, bolsista, disciplinas do IEF e equipe pedagógica das escolas. Como suporte teórico-metodológico, optamos por concepções que tratam da infância como devir, como experiência, como expressão multicultural (KOHAN, 2010,2007; CORAZZA 2000; ABRAMOWICZ, 2009, SARMENTO 2007, TOMÁS 2006,2013). Dialogamos também com autores da EF que inauguraram a concepção da cultura corporal (SOARES 1992; DAOLIO 1994) e com os que reelaboram este conceito sob uma perspectiva inter/multicultural e/ou pós-crítica (NEIRA, 2008;2009; NEIRA;NUNES, 2011;2009; SIQUEIRA E WIGGERS;2005; SAYÃO; 2002).

Nesta edição o projeto promove uma integração dos alunos das disciplinas de "Linguagem Corporal, Ritmo e Expressão" e "Estudo das Propostas Pedagógicas da Educação Física". A ação da bolsista se orienta no sentido de permitir a experiência de um grupo ampliado de alunas/os da graduação. As/os discentes e docentes das referidas disciplinas estão participando de um ciclo de 4 ações pontuais, que envolvem planejamento, aplicação e avaliação. As coordenadoras e a discentes bolsistas são os elementos mediadores deste processo, construindo em conjunto com as equipes pedagógicas das escolas o arcabouço geral deste projeto de intervenção, considerando os aspectos multi/interculturais que tem se apresentado nestes espaços. Até o momento as ações desenvolvidas envolvem duas escolas da rede pública, sendo uma Municipal e a outra Federal. As temáticas abordadas surgiram deste processo dialógico entre escola e universidade e envolvem questões relativas às construções identitárias étnico-raciais e a ampliação do repertório da cultura lúdica infantil, a partir de jogos e brincadeiras populares.

16h às 18h

O que pode um corpo: experiências com as infâncias e juventudes

Autor(es):

Nayara Ribeira da Silva Melo

Thayane de Araujo Rodrigues

Orientador(es) e coorientador(es):

Adriana Martins Correia

Martha Copolillo

A questão que abre esse trabalho é –“ o que pode o corpo?”. Considerada a polissemia que marca a palavra “pode” (poder, potência, interdição, limite...), a proposta é pensar o corpo como um “devir”. Para Deleuze (2004), num devir não há imitação nem um modelo que se deseja alcançar. “Os devires são actos que só podem ser contidos numa vida e expressos num estilo” (p.13).

Nesse sentido, para ampliar e complexificar as concepções de corpo reforçamos a necessidade da compreensão de que o ser humano é mais do que um ser determinado biologicamente. O conceito de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992), torna-se relevante, uma vez que é o homem produto e produtor de culturas, mediado pelos contextos nos quais está inserido.

Nessa ação desenvolvemos essa reflexão na interação com dois polos da Educação Básica: Educação Infantil e Ensino Médio. Entendemos nossa proposta como algo que se direciona à temporalidade cronológica determinada pela Educação Infantil e pelo Ensino Médio, mas que, ao trazer a reflexão do corpo como potência, busca apostar no devir-criança (KOHAN, 2004) e na juventude performativa (PAIS, 2006), como espaços de criação e ressignificação. Tanto entre crianças, quanto entre jovens, sempre de forma aberta e provisória, gostaríamos de perguntar, estranhar, fazer, brincar e recriar o que, afinal, pode o corpo.

Pensando nisso é que propomos a criação de um espaço de reflexão/ação sobre o corpo, mediado pelo campo de conhecimento da Educação Física, mas que se estende para além das aulas curriculares.

Temos como objetivo evidenciar questões como imagens, concepções, afetos e valores relativos ao corpo. Para isso, planejamos uma série de intervenções, através de oficinas que problematizam questões relativas ao corpo, provocadas pelas experiências com as crianças e jovens.

Até o presente momento desenvolvemos seis oficinas, sendo três com cada grupo. No trabalho com as crianças, a realização da primeira oficina nos desafiou, trazendo questões relativas às representações étnico-raciais. A partir daí planejamos as intervenções seguintes com foco na ludicidade, utilizando como recurso danças urbanas e jogos teatrais.

As oficinas realizadas com os jovens do Ensino Médio trouxeram à tona questões de gênero, nos mobilizando a trazer dinâmicas com práticas corporais que provocam experiências de contato que tensionam situações de conflito e oportunizam o diálogo..

Campus: Angra dos Reis

Escolas do Território nas comunidades tradicionais da Baía da Ilha Grande: entre o currículo escolar e os saberes comunitários

Autor(es):

José Vitor Sant'anna Monteiro
Yana Carolina Aparecida Santana
Camila dos Reis Oliveira

Orientador(es) e coorientador(es):

Licio Caetano do Rego Monteiro
Domingos Barros Nobre

O projeto busca analisar as relações entre currículo escolar e saberes tradicionais em contextos de reorientação curricular de escolas de Ensino Fundamental e Médio em comunidades tradicionais da Baía da Ilha Grande. O programa Escolas do Território vem desenvolvendo uma metodologia de reorientação curricular que se desdobra na articulação entre currículo, saberes e território e na abordagem inovadora de mediação entre conceitos integradores e conteúdos programáticos. O objetivo geral é realizar uma interlocução com professores/as, estudantes, gestores e comunidade que atuam na construção de um currículo diferenciado e de um projeto alternativo de escola. Nesse processo, buscamos articular a construção curricular e a formação de professores ao contexto territorial no qual as escolas estão inseridas, mediando abordagens geográficas e pedagógicas. No âmbito da construção curricular, contribuimos para qualificar a relação entre conceitos integradores da Geografia e os conteúdos programáticos desenvolvidos no currículo e sistematizar o projeto tendo em vista a construção de uma memória institucional que articule a prática docente em sala de aula, os projetos pedagógicos desenvolvidos, os mecanismos de avaliação discente e as demandas das comunidades em relação à escola. O programa Escolas do Território vem se desenvolvendo com uma consistente base conceitual e metodológica para a reorientação curricular desenvolvida por Domingos Barros Nobre (2018), baseada em referências na pedagogia de projetos (Hernández, 1998; Hernández; Ventura, 1998), aprendizagem significativa de Ausubel (Moreira, 2006), interculturalidade crítica (Walsh, 2007; Candau; Russo, 2010) e temas geradores (Freire, 1970). O desafio a que nos propomos avançar se dá basicamente em duas frentes de investigação e prática: uma articulação entre currículo, saberes e território e uma abordagem inovadora de mediação entre conceitos integradores de Geografia e os conteúdos programáticos. O desafio colocado para a presente investigação é o de trabalhar tais conceitos como conceitos integradores num contexto de reorientação curricular que busca fazer a escola dialogar com os saberes tradicionais de caiçaras, indígenas e quilombolas.

Campus: Angra dos Reis

O jogo didático no ensino de Geografia do Brasil: o conteúdo como fundamento crítico na formação docente

Autor(es):

Maria Luísa Judice de Macedo

Orientador(es) e coorientador(es):

Paula Cristiane Strina Juliasz

Fundamentada na teoria histórico-cultural sobre o desenvolvimento de conceitos científicos, tem-se como objetivo analisar as potencialidades do jogo didático no desenvolvimento do pensamento espacial e do conteúdo de Geografia do Brasil. Tem-se como pressupostos teórico-metodológicos o domínio do conteúdo em suas três dimensões (conceitual, procedimental e atitudinal) , com referência na Geografia do Brasil, o pensamento espacial e a aprendizagem por jogos. Partimos da importância do estudo da epistemologia geográfica e pedagógica e dos conteúdos geográficos como pontos de mediação concretos entre os sujeitos no processo de construção de suas capacidades de ler, interpretar e agir no mundo. Inicialmente, realizamos uma revisão bibliográfica sobre formação territorial do Brasil, assunto abordado no sétimo ano do Ensino Fundamental, e realizamos um mapa conceitual, de modo que tivemos as dimensões sociais e espaciais do tema, de modo que fizemos um recorte em relação a Geografia do Brasil: regionalização do Brasil. Além disso, realizamos uma entrevista com o professor de Geografia da turma para conhecer seu planejamento e concepções acerca do tema. A partir disso, ingressamos na escola básica e propusemos um mapa mental do Brasil aos alunos do sétimo ano de uma escola estadual de Angra dos Reis (RJ), com o objetivo de conhecer os conhecimentos prévios dos estudantes em relação ao espaço brasileiro. Classificamos os mapas de modo que alguns apresentam aspectos físicos, regionalização conforme o IBGE e divisão política. Assim, realizaremos a tradução didática em um jogo com base nas habilidades do pensamento espacial. Espera-se contribuir com novas abordagens metodológicas e materiais didático, para que assim os alunos possam ampliar seus conhecimentos sobre o Brasil.

Campus: Angra dos Reis

Formação inicial de professores na perspectiva inclusiva: limites e possibilidades numa realidade escolar

Autor(es):

Matheus Lucas Mesquita dos Santos

Yasmine M. C. Cezario

Orientador(es) e coorientador(es):

Silvana Matos Uhmman

A temática da formação de professores numa perspectiva inclusiva se faz cada vez mais necessária, pois mesmo vivenciando a inclusão de alunos com deficiência, muitas vezes a escola ainda não sabe como conduzir de forma satisfatória esse processo. Diante disso, como projeto de iniciação à docência na Educação Básica, apresentamos o seguinte objetivo geral: contribuir com a formação inicial de professores por meio de práticas de pesquisa e atuações docentes frente a alunos com deficiência. Para tanto, nosso aporte teórico centrou-se em autores que pesquisam a área da inclusão de alunos com deficiência na Educação Básica como Carvalho (2010) e documentos legais (BRASIL, 1998 - 2006) que apresentam a importância das Adaptações Curriculares como premissa para que a inclusão aconteça. Metodologicamente e, na forma de objetivos específicos, buscou-se: aproximação com duas escolas regulares que incluem alunos com deficiência; identificamos uma turma que possua aluno(s) com deficiência incluído(s); realizamos observações de momentos pedagógicos efetivados pelos professores frente a estes alunos; desenvolvemos algumas ações conjuntas como: diferentes práticas inclusivas através de atividades específicas à aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, jogos didáticos, interações. Como resultados, destacamos a inserção enquanto aluno em formação inicial em escola regular que, juntamente com as professoras das escolas e professora orientadora foi possível observar o cotidiano escolar, refletir sobre práticas eficientes e limites da inclusão do aluno com deficiência, bem como elaborar coletivamente possibilidades de atividades/adaptações curriculares. As observações e anotações em um diário de campo serviram como instrumento para registrar práticas eficientes como as que envolvem a coletividade, os limites da inclusão como insuficiência na formação de professores, e também possibilidades de práticas pedagógicas frente aos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental: realização de atividades de alfabetização (a partir do nome e letras do alfabeto), consciência numérica, consciência corporal e atividades de vida diária, entre outros, configurando-se em adaptações curriculares organizadas previamente e desenvolvidas semanalmente com os alunos que, por sua vez, mostraram-se de grande contribuição para sua aprendizagem e desenvolvimento. Além dessas contribuições, destaca-se também o envolvimento da universidade com escolas regulares numa perspectiva de inclusão, que é cada vez mais tão importante e necessária, efetivando-se futuramente em oficinas realizadas na universidade para expor o trabalho e suas contribuições às escolas e comunidade em geral.

Campus: Angra dos Reis

"FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA GUARANI MBYA"

Autor(es):

Thalita Silva Vieira

Pedro Henrique dos Santos Neves

João Paulo Jesus Rodrigues

Orientador(es) e coorientador(es):

Domingos Barros Nobre

O projeto tem como objetivo oferecer acompanhamento pedagógico ao Curso de Ensino Médio com Habilitação em Magistério Indígena, aos Cursos de Formação Contínua de Professores do 1o ao 5o Ano Indígena e às Oficinas de Alfabetização em Língua Guarani, além da produção de material didático bilingue. Os pressupostos teórico-metodológicos se baseiam na metodologia dos Temas Geradores (Freire, 1981; 1982) em Redes Temáticas e na Pedagogia de Projetos Hernández, 1998; Hernández & Ventura, 1998). Utiliza-se do Estudo de Caso Etnográfico em Educação (Sarmiento, 2003) e da Pesquisa Ação Participante (Thiollent, 2000; Ezpeleta & Roockell, 1986), para as atividades de acompanhamento. Os resultados parciais se caracterizam pelo acompanhamento do Programa de Formação continuada, pela publicação do livro "Currículos Diferenciados das Escolas Indígenas, Caiçaras e Quilombolas: Política e Metodologia" e continuidade na atualização do Projeto Político Pedagógico do Colégio Indígena.

Campus: Angra dos Reis

Diálogos entre ciências e geografia na formação docente

Autor(es):

Rogério Lourenço Lima

Orientador(es) e coorientador(es):

Daniel Luiz Poio Roberti

Maína Bertagna Rocha

Algumas pesquisas (ROBERTI, 2011; ROCHA, 2013; ZIMERMANN e EVANGELISTA, 2007) observaram que os professores em exercício, nos anos iniciais de escolarização, sentem-se mais seguros em ensinar Geociências, a partir de uma abordagem tradicional expositiva baseada no uso exclusivo do livro didático, ao mesmo tempo em que reconhecem que suas deficiências, no domínio dos conteúdos e temas científicos, bem como nas variadas formas de ensiná-los comprometem sua prática pedagógica. Nesse sentido, o ensino investigativo se torna uma forma de oportunidade aos alunos de vivenciarem habilidades e atitudes próprias do trabalho científico, da mesma forma que possibilitaria uma postura crítica dos mesmos diante do seu contexto social, entendendo que o desenvolvimento das capacidades ligadas ao domínio da Ciência e da Geografia contribui para o desenvolvimento do espírito crítico, da cidadania e da integração social.

É nessa teia de possibilidades de se construir conhecimentos em Geociências e pensando em tornar valiosos os processos de ensino-aprendizagem que, sob uma perspectiva metodológica participativa e colaborativa, deu-se início à construção de uma horta no interior deste espaço escolar no primeiro semestre letivo de 2019, que desde então opera como ferramenta de ensino complementar à sala de aula. Além de trabalhar conceitos relacionados à horta e a produção alimentar, como compostagem, matéria orgânica, alimentação saudável, entre outros, e visando articular experiências em todos os espaços da escola, principalmente o refeitório, o projeto prevê saídas de campo para ampliar a percepção ambiental dos alunos estimulando aprendizagens significativas em outros lugares de formação.

Dessa forma, ações desenvolvidas no contexto do projeto e que já apresentam resultados no cotidiano escolar, vão desde a prática da separação dos resíduos sólidos no refeitório, sendo a categoria de resíduos orgânicos não processados 100% reutilizados no processo de vermicompostagem, transformando essa matéria em adubo natural que é adicionado aos canteiros. Além disso, as turmas se revezam para a realização de manejo nos canteiros, em pequenos grupos, ficando esses incumbidos de reportar ao restante da turma as condições do canteiro. São passos simples que vão dando os contornos do projeto e ampliando o horizonte científico dos alunos.

Campus: Campos dos Goytacazes

Estudo de caso na escola básica: o saber-ser professora de Geografia

Autor(es):

Paula Ramos Mendonça

Orientador(es) e coorientador(es):

Eloiza Dias Neves

O presente trabalho é um relato de estágio em docência em Geografia, desenvolvido no Colégio Estadual Nilo Peçanha, escola pública situada em Campos dos Goytacazes (RJ). Partiu-se da ideia que um estágio em docência deve assegurar a imersão na experiência profissional do professor, possibilitando, assim, entender, sentir, ver e pensar como um docente trabalha. Portanto, como assegura Nóvoa (2017), é necessário “vestir o jaleco” para compreender e interpretar microscopicamente a teia de significados da cultura organizacional de uma escola, a fim de ter um contato direto com a dinâmica escolar, o processo de aprendizagem do aluno e a estrutura organizacional em situações reais de aprendizagem. Com a finalidade de compreender as relações dessa teia de significados profissionais, venho tendo contato com duas professoras de Geografia (A e B) do referido colégio, enquanto ao mesmo tempo ia, com as estagiárias dos cursos de Ciências Sociais e História, revendo a literatura sobre a docência e construindo um projeto de docência a partir da proposta básica da orientadora, quer seja, de experimentação da docência. Assim, venho observando o familiar (Velho, 2004), a fim de entender o sentido da escola para elas; mapeando os saberes que ambas possuem e usam no exercício da docência; e compreender como acontece a interação das professoras com os seus alunos. A Professora A utiliza-se dos saberes curriculares e faz uso de recursos didáticos tais como DataShow e folhas de apoio, sendo que na interação com seus alunos faz uso da coerção e utiliza-se poucas vezes da autoridade carismática (Tardif, 1991). Por diversas vezes, ela elucidou sua desmotivação com a escola, por motivos de saúde e pela relação com os alunos. Em contrapartida, a Professora B constrói uma prática docente baseada na autoridade carismática para conseguir a adesão dos alunos, como, por exemplo, quando a turma se dispersa e ela não usa a coerção a fim de ter a atenção deles. Através dos saberes experienciais, o saber-ser dela é marcado pelo trabalho coletivo, cujo “compartilhamento” dos saberes constrói conhecimentos. Por outro lado, B falta muito às aulas, o que dificulta uma continuidade de seu trabalho e a minha experimentação da docência na escola básica. Busquei mergulhar na cultura organizacional escolar, para interpretar a experiência profissional das professoras e compreender como os diferentes tipos de saber (Tardif, 1991) são ativados e/ou construídos em sala de aula.

Campus: Campos dos Goytacazes

Prática e identidade docente: um estudo de caso sobre o cotidiano de uma professora de Sociologia da escola básica

Autor(es):

MILENA MACIEL PEROVANO

Orientador(es) e coorientador(es):

Eloiza Dias Neves

A escola pode ser entendida como uma instituição privilegiada de circulação e criação do conhecimento, por ser onde ocorre o exercício do ato educativo nos últimos três séculos (Nóvoa, 1992). Neste contexto, diferentes tipos de sujeitos estarão presentes, o que torna a escola um espaço de (re)construção de identidade dos que estão envolvidos nas interações que ali acontecem. Segundo Nóvoa (1992), a escola tem uma cultura organizacional que lhe é própria, e é composta por elementos que condicionam tanto a configuração interna quanto as interações que estabelece com a comunidade a qual está inserida. Sendo assim, embora as organizações escolares sejam integradas em um contexto cultural amplo, também se produz uma cultura interna que é própria e que demarca os valores e crenças dos que estão incluídos nesse processo, como professores, alunos, direção. Considero refletir sobre a prática profissional como um ato essencial para garantir que seja fundada na defesa dos interesses humanos para, assim, consolidar minha posição enquanto futura professora de Sociologia. O objetivo de um estágio em docência é possibilitar ao professor em formação o contato direto com a dinâmica escolar, com a estrutura organizacional da escola, em situações reais de ensino e aprendizagem, ou seja, nas relações profissionais que envolvem o Ensino Fundamental e Médio, o meu desafio está sendo o de encarar a construção de uma experiência pessoal e historicamente situada no chão da escola. Trata-se de realizar a indução profissional (Nóvoa, 2017), ou seja, a inserção dos jovens professores na profissão e nas escolas. Da mesma maneira que a formação médica se faz dentro das faculdades e dos hospitais, também a formação dos professores se deve fazer dentro das universidades e das escolas (Nóvoa e Vieira, 2017). Para realizar essa experimentação da docência na escola pública, decidimos por mapear os saberes da professora de Sociologia; entender o sentido da escola para ela; e compreender como se dá a interação entre ela e seus estudantes. Em outros termos, através do estudo de caso, busco aprender a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como uma professora (Nóvoa, 2017). Para isso, tento compreender o ethos escolar e as relações sociais estabelecidas na escola e na comunidade que está inserida, no colégio Nilo Peçanha, que existe desde 1922 e está situado no centro de Campos dos Goytacazes.

Campus: Campos dos Goytacazes

Sentindo a profissão docente com um professor de história

Autor(es):

Samara de Miranda Argolo

Orientador(es) e coorientador(es):

Eloiza Dias Neves

A partir da década de 1980, uma das características pertencentes à escola passa a ser o entendimento da mesma enquanto (re)produtora de cultura, de acordo com Neves (2008). Partindo desse pressuposto, a cultura presente na escola é heterogênea e construída por alunos, seus pais, professores e funcionários, que, a partir de seu contexto político social, promovem as relações de interação, fundamentais no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, além da importância de compreendermos a escola em sua estrutura organizacional (Nóvoa, 1992), seus aspectos culturais nos possibilitam uma reflexão acerca das identidades dos sujeitos que são responsáveis por estabelecer uma dinâmica própria e específica no ambiente escolar. Tais reflexões são possíveis através da realização do estágio em docência, que garante a aproximação e contato com a dinâmica escolar, promovendo o que Nóvoa e Vieira (2017) chamam de indução profissional aos licenciandos, articulando teoria e prática. Meu estágio em docência na disciplina de história é realizado no Colégio Estadual Benta Pereira, que possui um ambiente familiar e acolhedor, onde o professor de história, o meu caso de estudo, trabalha há 20 anos. Assim, pude perceber que ele estabeleceu uma relação de afetividade com os alunos que faz parte de sua personalidade e é sua marca registrada e reconhecida por todos da escola. Segundo Tardif (2014), a personalidade do professor é um instrumento de trabalho, visto que a pedagogia é uma tecnologia de interação humana, que contempla as relações individuais e sociais. No caso do professor de história, seus saberes experienciais (Tardif, 2014) lhe conferem uma metodologia que estimula a mobilização dos alunos, incluindo-os no processo de ensino-aprendizagem de forma ativa, participativa e com uma relação de amizade e honestidade para com o professor. Portanto, meu intuito enquanto estagiária é o de sentir, pensar e ver o professor de história trabalhando. Ao adentrar à cultura escolar do CE Benta Pereira, situado em Campos dos Goytacazes, estou podendo conhecer quais são os saberes construídos pelo professor na lida com seus alunos, tendo em vista que este estágio trata-se de uma experiência profissional que nós, futuros educadores, vamos construindo no decorrer de nossa formação.

Campus: Campos dos Goytacazes

A caixa dos sentidos e a construção da identidade na Educação Infantil

Autor(es):

Gustavo Souza Santos

Orientador(es) e coorientador(es):

EDIMILSON antonio mota

A presente atividade pedagógica foi realizado na Educação Infantil, com uma turma do Pré 1, na Escola Municipal Ignácio Corrêa dos Santos, localizada em Guandu distrito de Travessão de Campos, na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. O trabalho pautado teve por intuito trazer um diferente olhar para o ensino sobre órgão dos sentidos, de modo a diversificar formas mais dinâmicas e lúdicas de aprender sobre orientação espacial na educação infantil que tem como pano de fundo o ensino da geografia. Utilizou-se ferramenta como a fotografia para se propor com fim didático e metodológico para se trabalhar sobre órgão do sentidos. Para construção do trabalho, foi necessário criar a atividade 1, que utilizou três caixas de tamanhos semelhantes, depois, foram todas pintadas em diferentes cores, logo após isso, foi colado em todos os seus seis lados, fotografias com órgão dos sentidos humano: olhos, boca, nariz e orelha. Para a atividade 2, foi selecionada um desenho de um busto de uma criança e tinha como objetivo colar os órgãos dos sentidos de acordo com a sua semelhança e função e colorir. O objetivo da atividade esse trabalho em primeira instancia foi fazer o reconhecimento de cada órgão, seu nome, sua localização etc. E, em segunda instancia, de forma lúdica, localizar espacialmente a função de cada órgão; e, para isso, a aplicação da atividade foi conduzida de forma lúdica em que, primeiramente, o aluno escolhia o desenho de acordo com os tipos de cabelo com que ele se identificava. Havia dois modelos de desenhos para fazer a colagem e colorir; criança com o cabelo liso e criança com o cabelo cacheado. A ludicidade no contexto escolar faz com que a aprendizagem seja voltada para o mundo da criança, onde o brincar se torna aprender e ganha assim mais significado o seu desenvolvimento. Esta atividade teve o papel de formar a identidade étnico-racial do aluno. Diante destas imagens os alunos puderam usar a imaginação e caracterizar o estilo de cabelos, independente da idade, todos os alunos identificaram o seu tipo de cabelo, cacheado ou liso. Foi possível mostrar que somos diferentes no tipo de cabelo. A atividade proporcionou o reconhecimento da identidade de cada aluno.

Campus: Santo Antônio de Pádua

Metodologia alternativa para o ensino da física clássica

Autor(es):

Gabriel Lopes Maziero Marinho

Victor José de Abreu Fernandes

Orientador(es) e coorientador(es):

Maria Danielle Rodrigues Marques

Maria Carmen Morais

Marciano Alves Carneiro

Este projeto consiste no ensino Física Clássica por meio de atividades experimentais desenvolvidas pelos discentes do curso de Licenciatura em Física em conjunto com os professores que integram este projeto. Aulas e oficinas experimentais são ministradas para alunos do Ensino Médio com o objetivo de ilustrar, demonstrar as leis da física, e contribuir para elucidar os conceitos previamente expostos. Os alunos de graduação ficam incumbidos de preparar rápidas exposições orais, relembrar os conceitos físicos que serão abordados durante a atividade, ajudar na confecção dos roteiros dos experimentos e testar esses roteiros antes dos encontros com os alunos de Ensino Médio. Além disso, os discentes prepararam seminários sobre temas específicos relacionados aos experimentos ou que tratam do cotidiano de cunho científico como forma de rever ou fixar conceitos que serão discutidos. Por apresentar um caráter experimental no ensino de Física Clássica para alunos do Ensino Médio, este projeto contribui para o desenvolvimento, aprendizado e treinamento em aulas experimentais de alunos do curso de Licenciatura em Física, o uso de laboratório e, ainda, o desenvolvimento de experimentos de baixo custo úteis à sua formação. No contato com professores do Ensino Médio é possível observar a dificuldade em adotarem a experimentação no cotidiano da sala de aula. Assim, a atuação dos alunos da graduação como monitores proporciona uma grande oportunidade destes desenvolverem suas habilidades docentes, criando familiaridade e incorporando o laboratório e a experimentação como ferramenta básica, contribuindo para estimular a elaboração de novas metodologias de ensino. Acredita-se que a apresentação de conteúdos da Física por meio de experimentos contribuirá para que os futuros professores estabeleçam vínculo efetivo entre os conteúdos de Física Clássica do Ensino Médio e, assim, possam transmiti-los a seus alunos de forma mais dinâmica e com maior qualidade.

Campus: Santo Antônio de Pádua

O Clube da Matemática como Espaço de Prática Discente

Autor(es):

Loiane Cristian de Sousa

Lucas da Silva Guimarães

Orientador(es) e coorientador(es):

Vinicius Mendes Couto Pereira

Considerando a necessidade de uma “nova educação”, no sentido de Perez et.al (2004), que permita o estudante levantar problemas, elaborar hipóteses e vivenciar a prática matemática, possibilitando o livre exercício e construção do pensamento matemático, temos consolidado um Clube da Matemática em uma Escola Pública no município de Santo Antônio de Pádua. Nesse sentido, entendemos que a implementação do Clube da Matemática tem trazido oportunidades de construção de um espaço coletivo dentro da Escola Pública, constituindo-se como um ambiente rico em experiências, vivências e oportunidades para os alunos.

Campus: Santo Antônio de Pádua

Exposição de fotos da avifauna da Região Noroeste Fluminense como ferramenta de ensino

Autor(es):

Cesar Augusto de Lima Ribeiro

Orientador(es) e coorientador(es):

André Luiz Gomes da Silva

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de atividade acadêmica para a XVII MID - Mostra de Iniciação à Docência na Educação Básica do INFES/UFF no município de Santo Antônio de Pádua, através de uma exposição de fotos sobre a avifauna da região Noroeste Fluminense. As fotos foram baixadas do site Wiki Aves (www.wikiaves.com.br) das páginas de Carize Lazari Kleischmitd e Laura Mansur, que permitiram o uso das imagens para este trabalho. Foram impressas 48 fotos de aves em tamanho 10 x 12, que mostram a riqueza das espécies que habitam a região. Esta exposição pode funcionar como uma ferramenta importante de ensino para alunos da rede básica mostrando a riqueza e a importância da preservação da avifauna da região.

Campus: Santo Antônio de Pádua

Super trunfo das aves ameaçadas de extinção do estado do Rio de Janeiro e dominó das aves ameaçadas de extinção do Noroeste Fluminense

Autor(es):

Thayná Machado Pereira

Orientador(es) e coorientador(es):

Marcelo Nocelle de Almeida

A ocupação da Mata Atlântica teve início no período colonial. Esse bioma abriga à maior parcela da população brasileira, tendo como consequências a derrubada da mata nativa para o crescimento urbano e projetos agropastoris. Os ambientes naturais do Noroeste Fluminense permaneceram preservados até meados do Século XVIII. A partir de 1760 teve início a colonização da região e expansão da fronteira agrícola. Essa expansão iniciou a supressão das florestas nativas do Noroeste Fluminense quase que totalmente, e substituídas ao longo do tempo, pela pecuária leiteira, agricultura e extração de rochas ornamentais. Atualmente, a região encontra-se em franco processo de aridez. De acordo com o ICMBio, o estado do Rio de Janeiro possui atualmente 59 espécies de aves ameaçadas de extinção, e localmente, no Noroeste Fluminense, existem oito espécies de aves ameaçadas de extinção. Diante dessa situação, e acreditando que a educação tem um papel fundamental na sistematização e socialização do conhecimento, esse trabalho objetivou a elaboração e construção de dois jogos didáticos com ênfase no estudo das aves ameaçadas de extinção do estado do Rio de Janeiro e Noroeste Fluminense. Foram construídos dois jogos – o super trunfo das aves ameaçadas de extinção do Rio de Janeiro e o dominó das aves ameaçadas de extinção do Noroeste Fluminense. Foi utilizada a metodologia dos momentos pedagógicos: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. A problematização foi feita por meio de uma roda de conversa projeção de situações problemas. A organização do conhecimento foi feita com a utilização dos jogos didáticos. A aplicação do conhecimento foi realizada por meio da produção de histórias em forma de tiras em quadrinhos. Foram elaboradas 14 tirinhas, sendo nove alunos do sexto ano e cinco alunos do sétimo ano. Em sete tirinhas os desenhos abordados foram desmatamentos e queimadas. Em três tirinhas a poluição aquática foi representada nos desenhos. A manutenção em cativeiro foi desenhada em duas tirinhas. As duas tirinhas restantes não abordaram o assunto espécies ameaçadas de extinção. Os alunos demonstraram muito interesse nos jogos didáticos, assim como em algumas espécies de aves como a ararinha-azul e a águia-cinzenta. A alta frequência de tirinhas com desmatamentos e as queimadas deve-se, provavelmente, ao noticiário jornalístico das últimas semanas acerca das queimadas na Amazônia. Assim, podemos concluir nesse momento, que os jogos didáticos cumpriram seu papel de discutir o assunto no ambiente escolar, e, sobretudo, sensibilizar os alunos para essa questão ambiental tão importante.

Campus: Santo Antônio de Pádua

Contribuições Cognitivas e Educacionais de Jogos e Recursos Didáticos para Jogadores de Futebol e Licenciandos

Autor(es):

Anderson Elias Clemente de Franca

Isaac Rodrigues da Silva Arruda

Silvia Miguez de Siqueira Braga

Orientador(es) e coorientador(es):

Daniel Costa de Paiva

Este projeto visa inserir jogos no contexto da educação básica de modo a beneficiar licenciandos, professores, alunos e instituições. O que se propõe é melhorar a motivação dos alunos, oferecer alternativas para o cotidiano dos professores, aproximar as instituições e que os discentes da UFF, ditos instrutores/bolsistas, atuem como multiplicadores do conhecimento, tendo mais próxima a noção sobre o seu real papel na sociedade na vivência do dia a dia e ao realizarem atividades inerentes aos profissionais de educação. Resultados de 2016, 2017 e 2018 foram de alunos mais interessados, pedindo mais conteúdo de raciocínio lógico, professores satisfeitos pelas oportunidades demonstradas, aproximação das instituições de ensino, com candidatos aos cursos de licenciaturas e também do mestrado em Ensino da UFF e, para a bolsista de 2016, foi a porta de entrada no mercado de trabalho, pois antes de se formar ela foi convidada e está atuando em uma escola onde realizou atividades do projeto.

Campus: Santo Antônio de Pádua

DESENVOLVIMENTO DISCENTE ATRAVÉS DE NOVAS METODOLOGIAS COMO AUXÍLIO PARA AS FUTURAS ATIVIDADES DOCENTES

Autor(es):

Raul Alvaro Barroso dos Santos

Mateus Moreira de Paula Faria

Orientador(es) e coorientador(es):

Maurício Rodrigues Silva

Este projeto busca o desenvolvimento de novas metodologias como contribuição na formação docente dos bolsistas dos cursos de licenciatura em computação e matemática para atuação na educação básica, contribuindo também para a UFF/Infes, através dos resultados alcançados. Com o apoio do orientador, os bolsistas visitarão instituições locais de educação básica eleitas conforme a necessidade, onde desenvolverão um estudo destas instituições, mapeando as demandas referentes às áreas de computação e matemática para desenvolvimento de planos de ações e definição das metodologias a serem sugeridas para suprir essas demandas. Baseado nessas premissas, este projeto tem como objetivo principal a contribuição antecipada à carreira docente através do convívio no ambiente educacional básico, desenvolvendo um estudo para sugestão de novas metodologias que poderão agregar valores para atuar na educação básica, resultando em benefícios à comunidade local e ao Infes.

Campus: Volta Redonda

A Química dos rejeitos sólidos produzidos pela CSN em Volta Redonda: uma proposta de oficina para a Educação Básica que contempla a perspectiva CTS no Ensino de Química.

Autor(es):

Karina de Souza Silveira

Ana Cristina da Silva Monteiro

Orientador(es) e coorientador(es):

Aroldo Nascimento Silva

A identidade da cidade de Volta Redonda (RJ) constitui-se a partir da implantação e da expansão do primeiro complexo siderúrgico brasileiro, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Calcada em um modelo econômico desenvolvimentista, a cidade se molda em função das necessidades de ampliação da usina, no intuito de favorecer a circulação de capital e propiciar condições para a reprodução da força de trabalho. Contemplar uma análise crítica em torno dessa lógica de desenvolvimento, abordando os conteúdos científicos no seu contexto social é algo fundamental para preparar os estudantes para o exercício da cidadania e para um ensino de ciências que questione a superioridade do modelo de decisões tecnocráticas, a perspectiva salvacionista da Ciência-Tecnologia e o determinismo tecnológico. A partir desse cenário, apresentamos neste trabalho uma proposta para o Ensino de Química na Educação Básica – em uma perspectiva CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) - contemplando conceitos atrelados às propriedades dos materiais e suas transformações, de modo a discutir os impactos socioambientais associados ao descarte da escória, subproduto da produção do aço. Este material sólido é armazenado próximo às margens do rio Paraíba do Sul, sendo transportado pelo ar para outras localidades da cidade, atingido diretamente os moradores e suas residências. A construção da proposta de ensino envolveu dois pontos centrais. O primeiro voltado para o entendimento dos aspectos históricos e geopolíticos que resultaram na escolha de Volta Redonda para a construção da siderúrgica. O segundo aspecto, tratou do levantamento da visão dos moradores com relação às atividades desenvolvidas pela CSN e da escolha dos conceitos científicos que dialogam com os processos de produção e de descarte realizados pela indústria. Apesar dos moradores demonstrarem preocupação com a poluição a qual estão submetidos, os dados demonstram, dentre outros aspectos, a falta de conhecimento sobre a natureza dos resíduos sólidos (escória) que atingem a cidade, a falta de visão crítica em relação ao modelo desenvolvimentista e o não exercício de seus direitos como cidadão, atribuindo a terceiros a responsabilidade pelos males que afligem o município. Os resultados parciais demonstram que a incorporação da perspectiva CTS ao ensino resulta em uma aula mais dialogada, na qual os estudantes adquirem maior protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvem habilidades e conhecimentos que extrapolam a esfera meramente conceitual e se posicionam frente a uma problemática complexa, onde apenas as ideias científicas não são suficientes para a busca de soluções.